

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECIFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR**

ELEONARA UBIALI BECHER

**A DINÂMICA DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: UM ESTUDO DA
CONFIGURAÇÃO DO AGRONEGÓCIO COM ENFOQUE NA RIZICULTURA DO
SUL DE SANTA CATARINA**

CRICIÚMA

2016

ELEONARA UBIALI BECHER

**A DINÂMICA DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: UM ESTUDO DA
CONFIGURAÇÃO DO AGRONEGÓCIO COM ENFOQUE NA RIZICULTURA DO
SUL DE SANTA CATARINA**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Administração de Empresas, no curso de Administração de Empresas com linha específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Msc. Júlio César Zilli

CRICIÚMA

2016

ELEONARA UBIALI BECHER

A DINÂMICA DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: UM ESTUDO DA
CONFIGURAÇÃO DO AGRONEGÓCIO COM ENFOQUE NA RIZICULTURA DO
SUL DE SANTA CATARINA

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Msc. Júlio Cesar Zilli

Criciúma, 21 de junho de 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Julio César Zilli – Mestre – UNESC - Orientador



Prof. Dino Gorini Neto - Mestre - UNESC



Prof. Michele Schneiders - Especialista - UNESC

CRICIÚMA

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados pais e meus amados irmãos, que estão presentes em todas as escolhas de minha vida, sempre me apoiando e me incentivando sempre fazendo o possível para que meus sonhos se tornem realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que me tem proporcionado, por me oferecer oportunidades que só ele pode nos dar, pois sem ele não estaria chegando ao final de mais uma etapa.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais Max Becher Neto e Rosa Ubiali Becher por terem me educado e me ensinado o caminho correto e por terem me incentivado a nunca desistir dos meus sonhos, sem eles eu não seria nada. Também agradeço aos meus irmãos por estarem sempre me apoiando e me incentivando e que não mediram esforços para me apoiar nesta caminhada.

Agradeço ao professor Júlio Cesar de Farias Zilli, por aceitar ser meu orientador, por todo seu conhecimento transmitido a mim, por toda sua dedicação, confiança, sem sua dedicação e incentivo não teria chegado até aqui, muito obrigada.

Agradeço as amizades que foram feitas ao longo desta jornada. Amigos que estão sempre dispostos em ajudar um ao outro em qualquer momento. Em especial aos que todos os dias estão ao meu lado me incentivando e me ajudando sempre que necessito.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica desde a infância, sem eles não chegaria até aqui.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Marthin Luther King

RESUMO

BECHER, Eleonara Ubiali. **A dinâmica da balança comercial brasileira: um estudo da configuração do agronegócio com enfoque na rizicultura do sul de Santa Catarina.** 2016. 71 páginas. Monografia do Curso de Administração – Linha de Formação Específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

O agronegócio possui expressiva participação na pauta exportadora do Brasil. Neste setor, se destacam principalmente a exportação de grãos, dentre os quais, se encontra o arroz. No ano de 2015 o Brasil foi o oitavo maior produtor mundial e os Estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina são destaques nacionais na produção de arroz. A partir deste cenário, o estudo objetivou identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015). Metodologicamente, a pesquisa se enquadrou em descritiva e exploratória, quanto aos fins, e, bibliográfica e documental, quanto aos meios de investigação. A coleta de dados foi feita em publicações específicas relacionadas com o agronegócio, arroz e principalmente no Sistema Aliceweb. A análise dos dados foi essencialmente qualitativa. Por meio da pesquisa foi possível verificar que o Brasil, no período analisado, apresentou, na maioria dos anos, um saldo superavitário. Já o Estado de Santa Catarina apresentou saldo deficitário nos últimos anos. Em contra partida, o saldo da balança comercial do agronegócio brasileiro, durante todos os anos analisados, apresentou-se superavitário, ocorrendo o mesmo quando o enfoque foi no Estado de Santa Catarina. Foi possível verificar a importância do agronegócio para o equilíbrio da balança comercial do Brasil e do Estado de Santa Catarina e também a importância do arroz na região Sul catarinense, como um importante produto exportado para diversos mercados mundiais.

Palavras-chave: Balança comercial. Agronegócio. Arroz. Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Balança comercial brasileira 1990 – 2000 (US\$/FOB).....	32
Figura 2 – Balança comercial brasileira 2000 – 2005 (US\$/FOB).....	33
Figura 3 – Balança comercial brasileira 2005 – 2015 (US\$/FOB).....	34
Figura 4 - AMREC: Municípios participantes.....	36
Figura 5 - AMESC: Municípios participantes.....	37
Figura 6 – Balança comercial total versus agronegócio – 2005/2015 (US\$/FOB).....	48
Figura 7 – Balança comercial de Santa Catarina 2005 – 2015 (US\$/FOB).....	50
Figura 8 – Balança comercial de Santa Catarina referente ao agronegócio 2005 – 2015 (US\$/FOB).....	51
Figura 9 - Balanço de oferta e demanda mundial de arroz.	52
Figura 10 - Produção brasileira de arroz, por região.	53
Figura 11 – Produção nacional de arroz.	54
Figura 12 - Maiores produtores de arroz do Brasil.	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Motivos para exportar e seus benefícios.	22
Quadro 2 – Etapas da importação.....	26
Quadro 3 – Balança comercial do Brasil e Santa Catarina – NCM Arroz (diversos). 40	
Quadro 4 – Objetivos específicos versus estrutura da pesquisa.....	43
Quadro 5 – Municípios da AMREC e características da área plantada de arroz.....	56
Quadro 6 – Municípios da AMESC e características da área plantada de arroz.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Balança comercial brasileira <i>versus</i> Santa Catarina - US\$/FOB milhões.	44
Tabela 2 - Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMREC (US\$/FOB milhões).	45
Tabela 3 - Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMESC (US\$/FOB Milhões).	46
Tabela 4 – Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMREC+AMESC (US\$/FOB Milhões).....	47
Tabela 8 – Balança comercial do Brasil <i>versus</i> Santa Catarina / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).....	58
Tabela 9 – Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMREC / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).....	59
Tabela 10 – Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMESC / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).....	60
Tabela 11 – Balança comercial de Santa Catarina <i>versus</i> AMREC/AMESC - Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).	61
Tabela 12 – Volume (kg) comercializado pelo Brasil e Santa Catarina / arroz (NCM - 1006)	62
Tabela 13 – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMREC / arroz (NCM 1006)	62
Tabela 14 – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMESC / arroz (NCM 1006)	63
Tabela 15 - – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMESC/AMREC / arroz (NCM 1006).....	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	14
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo geral	15
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 JUSTIFICATIVA	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 A DINÂMICA DO MERCADO INTERNACIONAL	17
2.1.1 Exportação	19
2.1.2 Importação	25
2.2 COMÉRCIO EXTERIOR – BALANÇO DE PAGAMENTOS	27
2.2.1 Balança comercial	29
2.2.2 Balança de serviços	30
2.2.3 Transferências unilaterais	30
2.2.4 Conta movimentos de capitais	31
2.3 EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS	31
2.4 REGIÃO SUL CATARINENSE	35
2.4.1 AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera	35
2.4.1 AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense	36
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	38
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO-ALVO	39
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	41
3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	41
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	43
4.1 BALANÇA COMERCIAL – PERFIL NACIONAL, ESTADUAL E REGIONAL SUL	43
4.2 BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO – BRASIL E SANTA CATARINA	47
4.3 PANORAMA DA RIZICULTURA INTERNACIONAL E DO BRASIL	51
4.4 PANORAMA DA RIZILCUTURA EM SANTA CATARINA	54
5 CONCLUSÃO	65

REFERÊNCIAS.....	67
------------------	----

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o Brasil é líder mundial na produção e exportação de diversos tipos de sistemas produtivos, é o maior exportador de café, açúcar, etanol de cana-de-açúcar e suco de laranja. O agronegócio é uma grande área, que contempla desde a produção do insumo até sua comercialização (MAPA, 2010).

Este setor apresenta números importantes para a economia do país, e é responsável, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2016), por aproximadamente 1/3 do Produto Interno Bruto (PIB), que comprova a cada ano, sua capacidade de crescimento pelo próprio desenvolvimento da produção agrícola, pelo crescimento das áreas de plantação, mas especialmente, pelos significativos ganhos de produtividade, devido a evolução tecnológica, que também são responsáveis pelo avanço da qualidade dos produtos e pela diminuição dos custos, o que beneficia a competitividade no mercado internacional (CONAB, 2005).

Com aproximadamente 38% da mão-de-obra do país e responsabilizando-se por 42% das exportações brasileiras, o agronegócio possui representatividade na balança comercial, caracterizando-se como um importante setor da economia, com um crescimento considerável (MAPA, 2010).

Possuindo uma natureza agrícola, o Brasil apresenta faixa territorial abundante e vasta, clima variado e profissionais capacitados que, aliadas aos investimentos em tecnologia e pesquisas e à moderna indústria de máquinas, ganham mais força para enfrentar os problemas. Os programas de sanidade animal e vegetal são um diferencial, que asseguram alimentos com procedência segura, o que garante ao Brasil produtos de qualidade no exigente comércio internacional (MAPA, 2010).

Nos últimos anos, o agronegócio no Brasil tem sido um dos setores econômicos mais relevantes, sobretudo, em função da contribuição significativa nos sucessivos saldos positivos da balança comercial, o que proporciona suporte à consolidação da estabilização da economia nacional (CONAB, 2005).

O Brasil possui uma grande capacidade para o agronegócio devido a diversidade de seu clima, chuvas regulares, energia solar e aproximadamente 13% de toda a água doce do planeta, com uma enorme área agricultável e cerca de 388 milhões de hectares, dos quais 90 milhões não foi explorado (MAPA, 2010).

De acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), o Brasil será o maior produtor mundial de alimentos da próxima década, o que irá causar impactos positivos diretos em sua economia, reforçando sua taxa de crescimento e alcançando uma maior credibilidade frente a outras economias (MAPA, 2010).

Atualmente o Brasil produz aproximadamente 12,6 milhões de toneladas por ano de arroz, a maior parte do cultivo do grão é realizada no Sul do país e, em menor quantidade, de sequeiro no Centro-Oeste (MAPA, 2010).

A partir deste cenário, o estudo tem por objetivo identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015).

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. O primeiro apresenta a introdução, a situação problema, os objetivos geral e específicos e a justificativa para o desenvolvimento da pesquisa.

O segundo capítulo destaca a fundamentação teórica, com o objetivo de destacar as teorias dos principais autores da área de comércio exterior.

Os procedimentos metodológicos que apuraram o desenvolvimento da pesquisa, compõe o terceiro capítulo. Para a realização da pesquisa foram utilizados dados dos *sites* oficiais do governo brasileiro, inferindo-se a principal fonte, o *site Aliceweb*.

No quarto capítulo é apresentado os dados coletados por meio da pesquisa e da análise dos dados. Finalizando o trabalho, a conclusão e as referências.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

O setor de agronegócio é um dos mais importantes do Brasil, sob os pontos de vista econômico, social e ambiental. O setor ocupa lugar de relevância no comércio internacional, caracterizando-se como aquele que mais gera divisas, em virtude do saldo superavitário na balança comercial (WILKINSON, 2009).

Além de atender à demanda do mercado nacional por alimentos, o setor é o grande responsável pela estabilidade das contas externas do país, no ano de 2013, o agronegócio realizou a exportação de aproximadamente US\$ 100 bilhões, gerando um *superávit* de aproximadamente US\$ 82 bilhões (BNDES, 2014).

A principal força do agronegócio no Brasil é o custo de produção mais baixo em relação aos concorrentes internacionais, devido ao clima favorável, da grande quantidade de terras cultiváveis disponíveis e da existência de instituições de pesquisa agropecuárias renomadas, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). A principal fraqueza do agronegócio brasileiro é a infraestrutura logística defeituosa, que impossibilita, na maioria das vezes, o aumento da produção, por falta de capacidade de escoamento e armazenagem (BNDES, 2014).

Com enfoque na rizicultura, o Brasil é destaque mundial na produção e em nível nacional, destacam-se principalmente os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, responsáveis atualmente por 76,6% da produção total nacional (MAPA, 2015).

A partir deste cenário, torna-se importante analisar o seguinte questionamento: **Qual a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015)?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015).

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar a balança comercial do Brasil, com destaque para a representatividade do Estado de Santa Catarina e a região Sul (AMREC e AMESC);
- b) Caracterizar a participação do agronegócio na balança comercial do Brasil e de Santa Catarina;
- c) Destacar o panorama da rizicultura no cenário internacional e do Brasil;

d) Identificar a balança comercial do Arroz (NCM 1006), com destaque para a representatividade nacional, estadual e da região Sul (AMREC e AMESC).

1.3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo tem como objetivo identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015).

A agropecuária envolve as atividades destinadas ao cultivo da terra (agricultura) e à criação de animais (pecuária). Envolve não apenas a produção de alimentos destinados ao consumo de seres humano, mas também a alimentação de animais e a produção de matérias-primas industriais.

Este setor possui relevância, pois é um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira. Além de atender à demanda do mercado nacional por alimentos e matérias-primas industriais, o setor é o grande responsável por equilibrar as contas externas do país, devido ao alto índice de exportação (BNDES, 2014). Além disso o trabalho possui relevância, devido ao Brasil ser um dos maiores produtores mundiais de arroz, os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina são os maiores produtores de arroz do Brasil (MAPA, 2015).

Este trabalho é oportuno, pois possibilitou o aprimoramento da acadêmica e de seus conhecimentos até então adquiridos no curso de Administração com linha específica em Comércio Exterior.

A importância do trabalho ainda reside na disponibilidade de informações de um setor de magnitude, como o agronegócio, e também pela representatividade que o arroz possui para a região Sul catarinense, envolvendo a AMREC e AMESC.

O estudo se tornou viável pela acessibilidade junto aos dados disponíveis no Sistema *Aliceweb*, bem como em publicações do Ministério da Agricultura e artigos específicos relacionados com o agronegócio e o arroz.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentam os conceitos e definições dos assuntos relevantes aos objetivos deste estudo, iniciando com o mercado internacional, a operação de sua sistemática e os procedimentos de exportação, por que exportar, os procedimentos de importação, a importância da importação, o balanço de pagamentos, exportações e importações brasileiras, até chegar a importância do agronegócio para o Brasil e para Santa Catarina.

2.1 A DINÂMICA DO MERCADO INTERNACIONAL

O processo de internacionalização possui grande importância para as organizações, pois gera a vantagem de aprimorar e modernizar suas áreas administrativas, organizacionais e de produção. A exportação leva as organizações a inovarem e se adequarem a todo o tipo de mercado, sendo que para se manter no mercado externo, a empresa terá que se adequar a exigências de cada mercado (LOPEZ; GAMA, 2004).

O processo de ingresso no mercado externo leva muitas organizações a ampliarem seus setores com mais conhecimento e tecnologia para atender o mercado internacional, leva também as organizações a novos planejamentos delimitados por elas nos setores de marketing e da produção. Tudo para ingressar e se estabilizar no mercado internacional (LOPEZ; GAMA, 2004).

Uma organização que toma a decisão de iniciar a comercialização com o mercado externo terá que superar vários riscos e desafios, para isso, a organização irá necessitar elaborar estratégias específicas para superar estes obstáculos, por se apresentarem grandes e imprevisíveis. Os problemas enfrentados no mercado interno são diferentes dos problemas enfrentados na internacionalização, onde as organizações necessitam de empenho em um processo contínuo de análise pela constante mudança dos mercados (KOTLER, 2000).

De acordo com Kotler (2000) no processo de internacionalização existem vários desafios que a organização deve enfrentar, entre os desafios existentes no processo da internacionalização, pode-se apresentar: *i)* Problemas de câmbio: a elevação da dívida externa e a variabilidade política e financeira geram a diminuição do valor da moeda de um país; *ii)* Exigências e burocracia governamentais para o

ingresso de empresas estrangeiras no mercado; *iii*) Tarifas e barreiras comerciais: os governos continuamente determinam elevadas tarifas para a proteção das indústrias de seu país; e *iv*) Custo elevado do produto e adaptação dos produtos de acordo com as exigências de cada país: uma organização que vai se inserir no mercado externo deve analisar cada mercado cuidadosamente, conseguir compreender a economia, as leis, a política e a cultura dos outros países e adaptar seus produtos e sua forma de comunicação de acordo com as exigências de cada mercado.

O mercado externo apresenta alta importância e abrangência, as organizações precisam estar direcionadas para a sua própria capacitação, independentemente de seu porte econômico, a organização deve estar de acordo e conscientes com os objetivos propostos e amplamente analisados, além disso, as organizações devem compreender os obstáculos e perfil dos cenários que abrangem a sua participação no mercado externo. Compreendendo o mercado externo as organizações evitam problemas que prematuramente acabam impossibilitando a participação da empresa ocasionando em uma atuação não satisfatória de acordo com os seus objetivos no comércio internacional. (PALACIOS; SOUSA, 2004).

De acordo com Palacios e Sousa (2004) a internacionalização possui o desafio: o esforço de venda indispensável para se abordar determinado mercado. Em grande parte dos casos, as organizações não estão preparadas para realizar esforços de venda no mercado externo, por não estarem financeiramente preparadas ou por não possuírem pessoal especializado para realizar este tipo de venda.

O processo de adaptação às exigências do mercado externo leva a organização a empregar um alto investimento, sendo que o objetivo é proporcionar a própria organização maior competitividade tanto no mercado interno quanto no mercado internacional (KEEDI, 2004).

De acordo com Dabbah (1998) as organizações devem ter um alto investimento para tornar sua marca conhecida no mercado externo, pois as organizações que realizam um alto investimento na divulgação de sua marca e de seus produtos ganham destaque e conquistam novos mercados mais rapidamente do que as empresas que não investem.

A concorrência causa e estimula as organizações a procurarem mais possibilidade para aproximar e conquistar seus consumidores. As organizações sentem a exigência de manter-se em contínua inovação, com o objetivo de

proporcionar a seus clientes produtos com alta qualidade e tecnologia (HOOLEY; SAUNDERS; PIERCY, 2001).

Segundo Lopez e Gama (2005) as organizações possuem várias razões para a internacionalização: *i)* Aumento dos lucros; *ii)* Novos mercados para atuação; *iii)* Inovação nos produtos ofertados; *iv)* Aumento da produção e da capacidade de produção; *v)* Utilização da capacidade total da organização; *vi)* Melhoramento da qualidade dos produtos e serviços ofertados; *vii)* Introdução de novas tecnologias na empresa; *viii)* Diminuição dos custos de produção; *ix)* Aquisição de *know-how* internacional; *x)* Novas visões e; *xi)* Crescimento organizacional.

Para que a empresa possa se internacionalizar inicialmente terá que conhecer toda a sua capacidade diante do mercado interno e externo, com o objetivo de disponibilizar aos mercados em que atua ou pretende atuar diferenças. A internacionalização traz muitos benefícios para as empresas, pois a incentiva a modernizar e dar mais qualidade a seus produtos e serviços. Desse modo, os clientes do mercado interno e externo ganham alta qualidade nos produtos, e que as empresas tenham mais clientes e como resultado as organizações irão obter maiores lucros. Com isso, as duas partes saem ganhando com a internacionalização, tanto os consumidores quanto as organizações (LOPEZ; GAMA, 2005).

2.1.1 Exportação

Segundo Keedi (2007), a exportação acontece quando ocorre a saída de mercadoria para outros países, ou seja, a prática de enviar o mercado externo as mercadorias produzidas no mercado interno ou em terceiros países, que sejam de interesse do país importador, e que proporcione vantagens na sua comercialização.

De acordo com Ratti (2001, p. 348), a “[...] exportação vem a ser uma remessa de bens de um país para outro. Em sentido amplo, poderá compreender, além dos bens, também serviços ligados a essa exportação”.

O processo de exportação abrange diversos setores da empresa no seu processo regular, compreendendo negociações no exterior, devido a este fato, para este procedimento deve ser estudado o comércio internacional em um todo especialmente o país em que se destina a exportação (MINERVINI, 2001).

Existem duas maneiras de realizar uma exportação, existe a exportação direta, que é feita pelo próprio fabricante da mercadoria e existe a exportação indireta, que o exportador é outro que não o produtor da mercadoria vendida (KEEDI, 2007).

A exportação é importante, pois ela possui a capacidade de diversificação de mercados, elimina apenas a atuação no mercado interno e a empresa passa a atuar no mercado externo, aumentando as possibilidades de novos clientes, e conseqüentemente, a organização terá seus riscos de crise de mercado reduzidos, como redução dos preços, redução de consumo, mudança dos hábitos e política governamental (KEEDI, 2007).

A exportação é importante, pois possui a capacidade de diversificar os mercados de atuação da organização, deixando de trabalhar apenas com o mercado interno e passando a explorar o mercado externo, aumentando as possibilidades de novos compradores, e com isso, irá reduzir o impacto das possíveis crises que podem ocorrer no mercado, como por exemplo, a redução de preços, a diminuição do consumo, as mudanças de hábitos e a política governamental. (KEEDI, 2007).

O comércio internacional oportuniza o desenvolvimento da melhoria do bem-estar da população, pois possibilita um aumento real de renda. O comércio internacional gera condições de melhorias tecnológicas, pois as organizações podem importar novas tecnologias desenvolvidas no mercado externo, com a importação de novas tecnologias as organizações geram a possibilidade de aumentar a eficiência da produção e qualidade nos produtos (SILVA, 1999).

Conforme Nosé Junior (2005), a exportação é uma possibilidade praticada pelas organizações que pretendem atingir suas metas internacionais, também é considerada uma saída praticada pelas empresas que se sentem dependente do mercado doméstico. A exportação é um fator muito relevante para as organizações representa um crescimento sólido e contínuo.

As organizações encontram na exportação uma alternativa de sobrevivência, para as organizações é a única forma de comercializar seus produtos no mercado externo. Desse modo, a marca e os produtos se tornarão mais conhecidas e isso irá causar um aumento nas negociações com todo o mundo (KOTABE; HELSEN, 2000).

As organizações que realizam a exportação de seus produtos geram conhecimento de como estar relacionado a um ambiente competitivo e diversificado.

A exportação é importante, pois ela cria nas organizações a possibilidade de se desenvolver e entrar em novos mercados, conquistando novos clientes, pois o mercado nacional não possui garantias de permanência e total desenvolvimento da organização (NOSÉ JUNIOR, 2005).

De acordo com Vazquez (2001) o processo de exportação causa na organização a capacidade de aprender novas técnicas, estudos e desenvolvimento, algo que o mercado interno não oferece.

Ainda de acordo com Nosé Junior (2005) a exportação proporciona a geração de novos empregos, divisas internacionais, um maior desenvolvimento organizacional, melhoramento da qualidade de vida, e as organizações não devem deixar em segundo plano a prática da exportação.

2.1.1.1 Por que exportar

O processo de exportação irá aumentar os lucros das organizações. A exportação propicia à empresa uma vantagem importante sobre os seus concorrentes do mercado interno, desenvolve um crescimento cultural e causa melhorias nos métodos administrativos e organizacionais (BEHRENDTS, 2002).

De acordo com Minervini (2001) as organizações possuem várias motivações que levam ao ingresso no mercado internacional, dentre eles pode-se citar: *i)* Necessidade de aumento da competitividade; *ii)* Dificuldades de vendas no mercado doméstico; *iii)* Melhor aproveitamento das estações; *iv)* Oportunidade de valorização nos preços; *v)* Melhor produção já que a empresa pode focar em poucos modelos de produtos e se preocupar apenas com quantidade; *vi)* Aumentar o ciclo de vida dos produtos; *vii)* Diversificação de ameaças, a busca de venda no mercado externo; *viii)* Melhoramento da imagem da organização com o mercado interno, a empresa que exporta passa a ser uma referência à concorrência do mercado nacional e; *ix)* Diminuição de competidores no mercado interno e uma estratégia de desenvolvimento da empresa.

O processo de exportação, além de ser muito bom para o país, é ótimo para o desenvolvimento da organização. De acordo com Vazquez (2001) as organizações possuem várias razões para praticar a exportação, dentre as quais pode-se destacar por meio do Quadro 1.

Quadro 1 – Motivos para exportar e seus benefícios.

MOTIVOS PARA EXPORTAR	BENEFÍCIOS
Exportação como uma condição de política econômica nacional	Com o objetivo de aumentar os lucros para adquirir novos produtos de alta tecnologia, a exportação cria novas reservas para importação de mercadorias.
Aumento dos lucros nas vendas para o mercado externo motiva a organização a atuar na área internacional	Com o objetivo de diminuir a concorrência interna, a organização aumenta suas opções de consumidores, ao praticar a exportação de seus produtos, e optar pelo mercado externo, dessa forma aumenta suas economias.
Exportação com o auxílio na defesa de inesperadas mudanças no mercado doméstico	O mercado está em permanentes mudanças e sempre surpreende a organização, para evitar essas oscilações é muito importante conhecer o mercado externo e praticar a exportação.
A exportação pode auxiliar na diminuição dos riscos	Com a pratica da exportação as organizações estarão diminuindo os riscos e perdas.
Alcançar o reconhecimento	A exportação gera um maior consumo e preferência de uma marca específica pelos consumidores. Desta maneira a organização se insere no mercado internacional importante junto ao mercado nacional.
Aumento dos lucros nas vendas para o mercado externo motiva a organização a atuar na área internacional	A exportação cria uma troca de benefícios para o exportador e para o importador, de uma maneira que atende e supre as necessidades dos países por importar um produto que não é fabricado no mercado nacional, assim podendo satisfazer os necessidade e desejos dos consumidores.

Fonte: Vazquez (2001).

Na era global, não é mais possível uma organização realizar apenas das vendas para o mercado interno para sobrevivência. A comercialização com o mercado externo é uma alternativa estratégica para as organizações, pois estarão trabalhando com vários mercados diversificados, em várias economias distintas, podendo assim obter maiores opções para comercializar seus produtos, possibilitando uma maior rentabilidade para a organização. (MINERVINI, 2001).

A prática da exportação proporciona vários benefícios para as organizações. Ao iniciar relações com o mercado internacional as organizações têm a possibilidade de avanços e expansões em adquirir mais conhecimento e tecnologia. Quando a empresa disponibiliza sua marca e seus produtos a países que necessitam de determinada mercadoria, a empresa minimiza os riscos, pelo fato de possuir mais opções de venda sem ser apenas o mercado nacional (VAZQUEZ, 2001).

2.1.1.2 O que exportar

Todos os produtos podem ser exportados. O que torna o produto com capacidade para a exportação é a necessidade daquela mercadoria em determinado país. A organização adaptar o produto de acordo com as exigências dos clientes do mercado internacional, ela deve levar em consideração fatores como: estabilidade de custos de produção, adaptação das embalagens e principalmente conhecer as exigências e a legislação do país que realizara a importação (LOPEZ; GAMA, 2004).

Faz-se necessário a exportação de determinado produto que atenda a necessidade do mercado internacional e que atenda as exigências do cliente que realizara a importação (MINERVINI, 2001).

De acordo com Vazquez (2001) as empresas devem tomar alguns cuidados e precauções no momento de realizar a exportação, podem-se citar os seguintes: *i)* Observar, pesquisar a necessidade da mercadoria no mercado internacional, e se o produto atende às exigências do cliente no mercado externo; *ii)* Analisar se o produto atende as exigências determinadas na fatura pro forma; *iii)* Observar se o produto causa competitividade no mercado que se pretende atingir; se não causar, não há motivos para ingressar neste mercado, pois estará perdendo dinheiro; *iv)* Analisar se o produto atende as exigências com a legislação do mercado externo, e se está em conformidade com o clima e cultura; *v)* Analisar as características do produto que se pretende exportar, se a mercadoria possui as medidas e peso, que atenda a necessidade do mercado externo; *vi)* Verificar a necessidade de troca do idioma das embalagens da mercadoria por outro para o país importador; e *vii)* Analisar se a embalagem do produto é segura e adequada para o transporte até o destino no mercado externo.

Segundo Minervini (2001, p.10) a organização não deve apenas exportar sua mercadoria e/ou serviço, além disso, ela deve exportar: “Sua capacidade de entender o mercado”. De acordo com Maluf (2000), o processo de compreender o mercado que se propõe em alcançar, é um dos estágios mais importantes para a conquista do sucesso das organizações. As empresas devem conhecer muito bem os costumes, tradições, cultura, legislação vigente, conhecendo em estes aspectos as organizações conseguirão conceder para os clientes um produto que realmente irá atender suas perspectivas e necessidades. E que irá satisfazer os consumidores, assim proporciona um maior compromisso das partes envolvidas.

Antes de iniciar o processo de exportação e colocar a mercadoria no mercado internacional é necessária análise profunda do mercado externo, com o objetivo de não tornar a exportação um problema para a organização. É por meio da pesquisa de mercado a maneira mais adequada para se ter o conhecimento necessário para o processo de exportação (LOPEZ; GAMA, 2004).

2.1.1.3 Como exportar

O processo de exportação não é apenas uma sequência do mercado interno, podemos considerar uma oportunidade de novos negócios que a empresa adquire. Ao introduzir-se no mercado internacional a organização não se deve fundamentar apenas nas experiências e conhecimentos adquiridos através do mercado nacional. A organização deve conhecer e entender o mercado internacional, o qual se pretende atingir, conhecer os concorrentes, os clientes, potencial, cultura, economia, logística dentre outros itens. Com o objetivo de conseguir o maior número de dados e informações, que possam contribuir para que a empresa possa alcançar bons resultados em suas negociações internacionais (MINERVINI, 2001).

Segundo Vazquez (2001) para a organização iniciar suas atividades no comércio exterior a empresa deve se analisar, destacar seus pontos fortes e fracos e compreender o que seja capaz de melhorar para realizar cada vez melhor suas funções no mercado externo. É de fundamental importância uma avaliação do mercado externo que se pretende atingir, conhecer as exigências, a cultura, logística e tudo mais que ache necessário para realizar suas negociações com sucesso.

As organizações devem obter a maior quantidade de informações para que possa adentrar o mercado externo, sempre buscando pesquisas e formulando planos focados nos seus objetivos. É de alta relevância possuir todos esses conhecimentos, com o objetivo de minimizar os riscos e as perdas para a organização (MINERVINI, 2001).

O processo de exportar envolve um cenário de grandes desafios. Para superar estes desafios é necessário que a organização possua uma grande estrutura empresarial, profissionais capacitados, pesquisas e estudos referentes ao mercado internacional e tudo que envolve o mercado que se pretende alcançar, o marketing internacional, pesquisa dos concorrentes (LUDOVICO, 2008).

2.1.2 Importação

O comércio internacional é uma área muito importante para os países menos desenvolvidos e também para os países desenvolvidos. Nos países menos desenvolvidos, os governos possuem o conhecimento de que o crescimento econômico depende da expansão e da melhoria das trocas realizadas. Nos países desenvolvidos os esforços são com o objetivo de alcançar as melhores posições no mercado internacional, indispensáveis para a preservação do desenvolvimento. Os países subdesenvolvidos e os países desenvolvidos buscam obter no mercado externo recursos que beneficiam a ampliação de suas importações de bens de consumo, imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade e da elevação dos padrões de vida (BIZELLI; BARBOSA, 2002).

A importação pode ser definida como a entrada de mercadorias dos países estrangeiros no território nacional. A entrada da mercadoria pode ser por um prazo determinado, que é caracterizado como admissão temporária, ou pode ser uma importação definitiva (WERNECK, 2001).

De acordo com Keedi (2011, p. 26) na admissão temporária:

[...] a mercadoria entra no país por determinado período de tempo, suficiente para a operação a qual foi enviada, por exemplo, participação em feiras, exposições, demonstrações, competição ou outros eventos equivalentes, incorporação de melhorias ou transformação, uso temporário e outros motivos que justifiquem o seu recebimento do exterior, sendo retornada posteriormente.

Já a importação definitiva:

[...] a mercadoria é incorporada ao ativo do país importador, passando a ser considerada uma mercadoria nacional para todos os efeitos legais, deixando de pertencer ou constar no ativo do país exportador, se tiver de sair do país importador, deverá sofrer uma operação de exportação como qualquer mercadoria produzida no país (KEEDI, 2011, p. 26).

A importação pode ser realizada com cobertura cambial ou sem cobertura cambial, ou seja, quando a importação é realizada com cobertura cambial, isto significa que há pagamento, quando a importação é realizada sem cobertura significa que não haverá pagamento (SEGRE, 2007).

Da mesma forma que a exportação, a importação poderá ser realizada de maneira direta ou indireta, sempre dependendo das condições, possibilidades e outros fatores relacionados ao processo de importação (KEEDI, 2011). Na importação direta, significa que:

[...] a compra pelo importador diretamente do fabricante do produto, que nesse caso também é o exportador, o que quer dizer que ele não utiliza qualquer intermediário na operação. Ele poderá realizar a operação de importação por meio de pessoas ou empresas que atuam como agentes ou representantes do exportador, apenas servindo de ligação entre eles, significando que seu exportador continua, apesar dos intervenientes utilizados, sendo a empresa que está lhe vendendo a mercadoria (KEEDI, 2011, p. 25).

Já a importação indireta, significa que:

[...] o importador compra a mercadoria de outro que não o produtor da mercadoria vendida, ficando este sem aparecer, já que toda a operação de exportação, embarque, emissão de documentos, etc., fica por conta do vendedor intermediário, aparecendo o produtor apenas nas embalagens ou eventualmente em documentos, se isso for necessário ou solicitado (KEEDI, 2011, p. 25).

2.1.2.1 Importância da importação

O processo de importação é muito importante devido a diversificação de mercadorias, aumentando as opções nas suas compras, aumentando a quantidade de fornecedores e reduzindo os seus riscos de crise de mercado, como o aumento de preços e política governamental do mercado interno (KEEDI, 2011).

Diversificação de mercado significa não apenas diluir seus riscos e ter mais fornecedores, mas um aumento na quantidade de produtos oferecidos, inclusive com maior variedade, eliminando possível escassez de produtos no mercado interno. Outro resultado positivo é a questão de preços, pois com mais concorrência é menor o risco de altos preços, especialmente em um mundo visivelmente globalizado (KEEDI, 2011, p. 27).

O Quadro 2 apresenta um roteiro básico de importação.

Quadro 2 – Etapas da importação.

(continua)

ETAPAS	CARACTERÍSTICAS
Pesquisa de mercado	Localizar o melhor fornecedor para a compra da mercadoria, tanto nos aspectos de qualidade, prazo de entrega, assistência técnica, preço e a modalidade de pagamento. Esta pesquisa poderá ser realizada através de e-mail, <i>home-pages</i> , participação em feiras, entre outros.
Legislação	Consultar a legislação para verificar se a mercadoria possui permissão de importação. Verificar se a mercadoria está sujeita a alguma exigência específica para que a sua importação seja realizada; exigências cambiais e fiscais da implantação.
Estudo de viabilidade	Levantar os custos da importação. Com base na legislação no que se refere a base de cálculo para o pagamento dos impostos, considerando as despesas aduaneiras e outras despesas que se fizeram necessárias para a realização da internacionalização da mercadoria.

Quadro 2 – Etapas da importação.

(conclusão)

ETAPAS	CARACTERÍSTICAS
Negociação	A negociação será feita com base na pesquisa realizada na legislação cambial que controla as condições para a negociação da modalidade de pagamento e das condições de vendas da importação. Após a definição da negociação, será assinado o contrato de Compra e Venda e o exportador no exterior emitirá a Fatura <i>Pro Forma</i> ao importador.
Preparação da Mercadoria	O exportador prepara a mercadoria para o embarque. O importador deverá tomar todas as medidas necessárias para garantir a internacionalização da mercadoria, atendendo as exigências da legislação, seja cambial, fiscal ou administrativo. O importador enviará ao exportador a instrução de documentação, para que a mercadoria seja enviada ao importador em concordância com as exigências da legislação.
Prontidão da mercadoria	Com a mercadoria pronta para o embarque, nas condições estabelecidas entre as partes, o exportador deverá informar o importador, para que as providências de sua responsabilidade sejam todas tomadas. As definições destas responsabilidades estão contidas nas condições de venda (<i>Incoterms</i>). O importador deverá tomar todas as providências exigidas para a importação do produto, para que possa autorizar o embarque da mercadoria no exterior.
Embarque da mercadoria	O embarque deverá ocorrer na forma acordada. Logo após o embarque, o importador deverá enviar o aviso de embarque, fornecendo os dados conforme o modal de transporte.
Envio dos documentos	O importador enviará ao exportador os documentos de exportação para que não ocorra atraso na chegada dos documentos, para que não ocorra parada na alfândega e causando custos extras com a armazenagem, pelo fato dos documentos ainda não terem chegado. O importador, deverá enviar os documentos ao despachante, para que o mesmo o analise e que comece o processo de despacho aduaneiro.
Despacho aduaneiro	Com o recebimento dos documentos se inicia o processo de despacho aduaneiro, com o registro da declaração de importação e finalizando com o desembaraço aduaneiro e entrega da mercadoria ao importador.
Pagamento da importação	O pagamento ocorrerá de acordo com o que foi combinado entre as partes e dentro do que é permitido pela legislação, o pagamento poderá ocorrer antes ou depois do despacho aduaneiro.

Fonte: Elaborado a partir de Maluf (2000).

2.2 COMÉRCIO EXTERIOR – BALANÇO DE PAGAMENTOS

Devido ao avanço da tecnologia, a globalização das economias ocorreu rapidamente, em qualquer lugar do mundo as empresas sentiram o efeito da globalização, e esse acontecimento ocorreu da mesma maneira com as empresas brasileiras. As empresas necessitam estar atualizadas com as exigências e necessidades do comércio exterior, para poderem entrar de forma segura no mercado externo (BEHRENDTS, 2002).

As trocas internacionais, realizadas por meio das exportações e importações, podem trazer vários benefícios para as empresas, como por exemplo,

o surgimento de novas linhas de produção, ocasionadas pela procura, e estas poderão ser traduzidas em mais postos de trabalho (VAZQUEZ, 2001).

A origem do comércio exterior se deu da inviabilidade de uma região ou país produzir vantajosamente todos os bens e serviços de que seus habitantes necessitam. Isto ocorre devido a diversos fatores, como as diferenças de clima e de solo, a desigualdade na distribuição geográfica dos recursos naturais e as diferenças técnicas de produção (RATTI, 1997).

O comércio exterior é um conjunto de operações que estão relacionados com a troca de bens e serviços entre os países. Uma atividade comercial que envolve a troca de mercadorias e a compra e a venda mediante pagamentos. Configura-se também como o ato de importar e exportar, é a compra e a venda de mercadorias (BERHENDS, 2002).

Na participação do comércio internacional, os países podem utilizar seus recursos de uma maneira mais eficiente, se aprimorando em algumas atividades mais adequadas à sua dotação de fatores, atingindo economias de escala na produção. Os países buscam se especializar em atividades de produção nas quais possuam superioridade em relação aos outros países, estabelecendo as trocas internacionais (SILVA, 1999).

De acordo com Maluf (2000) o comércio internacional é a troca de bens e serviços entre os países, devido às consequências das especializações na divisão internacional do trabalho e das vantagens comparativas que cada país possui.

Podem-se citar vários fatores que auxiliam na decisão de um país de realizar negócios internacionais. Dentre eles, Maluf (2000) salienta: *i)* Fornecimento de recursos; *ii)* Necessidade do equilíbrio da balança de pagamentos; *iii)* Modernização tecnológica; *iv)* Procura de recursos para custear as atividades internas; *v)* Variação de diferentes mercados; *vi)* Ampliação dos itens de importações e exportações; e *vii)* Desenvolvimento social, através da criação de empregos.

O comércio exterior é um recurso de aperfeiçoamento econômico e social, com o propósito de aprimorar os esforços positivos e reais, para que os países promovam trocas comerciais de bens e serviços. O cenário empresarial atualmente mostra um mundo em constante mudança. Esta mudança é estimulada pelo processo da globalização e pela interferência do comércio internacional (MALUF, 2000).

Todas as movimentações internacionais realizadas pelos países são registradas no balanço de pagamentos. O balanço de pagamentos é composto por quatro contas: *i)* balança comercial, *ii)* balança de serviços, *iii)* transferências unilaterais, e *iv)* a conta movimentos de capitais (VAZQUEZ, 2003).

2.2.1 Balança comercial

Com a evolução da economia brasileira, o Brasil esteve desde sempre ligado às políticas de comércio exterior, causando alta dependência do país diante aos mercados exteriores. (SOUSA, 2009).

A balança comercial é aquela que apresenta os registros referentes aos movimentos de exportação e importação de mercadorias do país, como a importação de máquinas, matéria-prima, automóveis, eletroeletrônicos, petróleo, produtos agrícolas, pecuários e exportação de grãos, de tecidos, de brinquedos entre outros (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006, p. 128).

A balança comercial representada pelos resultados das importações e das exportações de bens entre todos os países. O processo de exportação é caracterizado pelo envio de mercadorias para outros países e o processo de Importação é caracterizado pela aquisição de mercadorias de outros países ou a troca de mercadorias entre os mesmos (KEEDI, 2002).

Toda a movimentação de mercadorias é computada nessa Balança através de registros de importação e exportação, conforme exigidas pelo Governo Federal, sendo que as exportações são registradas como crédito e as importações como débito (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006, p. 128).

A balança comercial é caracterizada pelo registro de todas as exportações e importações realizadas por determinado país com os demais países. A balança comercial registra os valores *Free on Bord (FOB)* das exportações e importações. Caso o valor das exportações for maior que os valores das importações, caracterizamos um superávit na balança comercial. Caso o valor das importações for maior que os valores das exportações, caracterizamos um déficit na balança

O registro na Balança Comercial deve ser computado pelos valores FOB das mercadorias, para melhor representar os gastos com as importações e as exportações, sendo que os custos com o frete internacional, seguros e armazenagens ficam registradas na balança de serviços (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006, p. 129).

De acordo com Morini, Simões e Dalnez (2006, p. 129) a balança comercial compreende: “[...] a diferença entre o valor das exportações e o valor das

importações, sendo que um saldo negativo resulta um déficit comercial e um saldo positivo resulta um superávit comercial”.

2.2.2 Balança de serviços

Na balança de serviços são registradas todas as transações realizadas, com pagamento e recebimento de transportes internacionais, os seguros internacionais, as viagens internacionais, serviços turísticos, seguros internacionais, os *royalties*, a assistência técnica, entre outros (VAZQUEZ, 2003).

As transações realizadas na balança de serviços são transações intangíveis, ou seja, são invisíveis, e os registros na balança de serviço podem ser divididos em duas categorias: serviços de fatores e serviços de não fatores (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006).

Os serviços de fatores se referem aos recebimentos ou pagamentos pela utilização dos fatores de produção. Os serviços de não fatores são aqueles que não se originam do uso de fatores de produção, são aqueles restantes da Balança de Serviços, como as viagens internacionais, fretes internacionais, seguros internacionais, serviços governamentais, serviços financeiros, entre outros (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006).

2.2.3 Transferências unilaterais

As transferências unilaterais registram as entradas ou saídas de divisas resultante da remessa dos recursos para o exterior, para a manutenção de embaixadas e de serviços consulares, de imigração, que enviam seus ganhos para a manutenção de seus familiares no seu país de origem (VAZQUEZ, 2003).

Para Morini, Simões e Dalnez (2006, p. 129), as transferências unilaterais são:

[...] referente aos donativos, reparações de guerra e remessas para a manutenção, ou seja, aquilo que o país recebe ou envia ao exterior sem nenhuma obrigação de pagamento, constituem as Transferências Unilaterais. As transações podem ser tanto governamentais quanto privadas; para esse último caso, temos o caso dos trabalhadores que estão em um país estrangeiro e remetem dinheiro para sua família em seu país de origem.

O saldo da balança das transferências unilaterais poderá ser deficitário ou superavitário em decorrência das movimentações de recebimentos ou de envios que o país efetua com o exterior, sem a obrigação de nenhuma compensação (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006).

2.2.4 Conta movimentos de capitais

A conta de movimento de capitais registra as aplicações diretas, ou seja, os investimentos, as entradas de recursos das empresas estrangeiras que investem no país e também os créditos e financiamentos adquiridos por brasileiros, em instituições localizadas no exterior (VAZQUEZ, 2003).

De acordo com Simões e Dalnez (2006), a conta de capitais realiza o registro das movimentações de capitais entre os países, como os empréstimos, os investimentos, a compra e venda de ativos, amortizações de empréstimos, ações, bens imóveis, aplicações em banco, títulos do governo, entre outros.

O movimento de capitais que se inserem em um país pode ser dividido em oficial e não oficial. O movimento de capital oficial compreende os fluxos de controle por parte de autoridades monetárias do país e o movimento de capital não oficial pode ser dividido em capital estrangeiro de curto prazo e capital estrangeiro de longo (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006, p. 130).

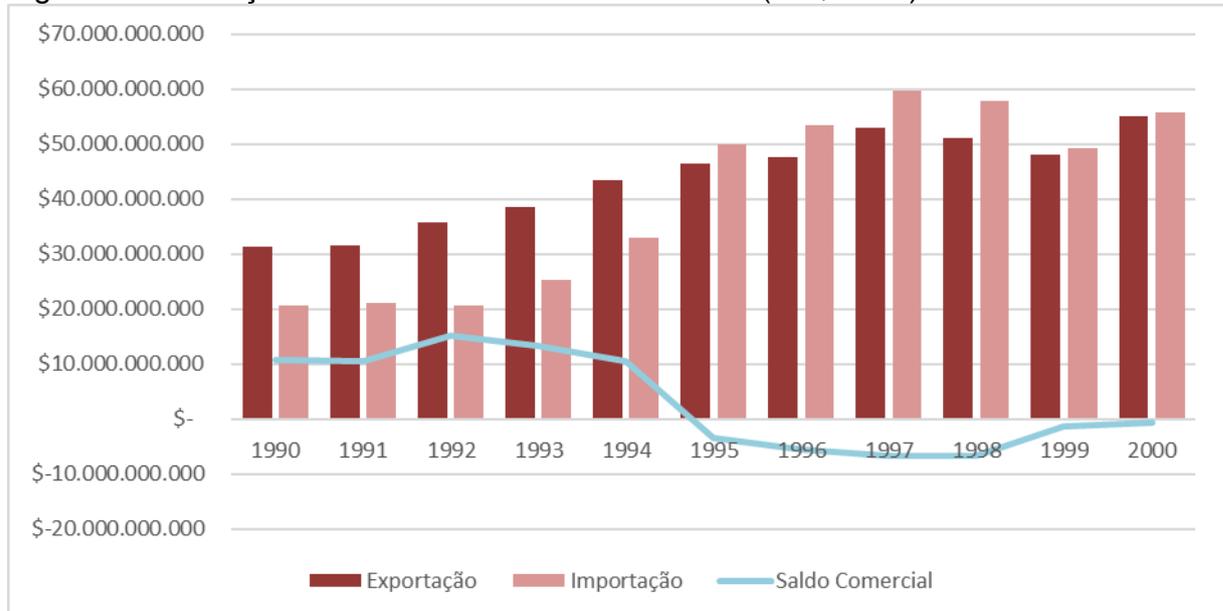
O capital estrangeiro de curto prazo é aquele que permanece por um período abaixo de um ano e são capitais autônomos que se inserem no país, financiamentos e empréstimos internacionais, capitais compensatórios que financiam as exportações e as importações e os capitais especulativos, os quais buscam rendimentos entre as taxas de juros oferecidas pelos países. O capital de longo prazo possui permanência superior a um ano no país e abrange os empréstimos, financiamentos e investimentos diretos estrangeiros (MORINI; SIMÕES; DALNEZ, 2006).

2.3 EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS

O Brasil anteriormente dos anos de 1990 possuía suas indústrias preservadas no mercado nacional e isso levou à imobilidade da economia no país. A abertura da economia apresentou vários problemas. Com a abertura da economia, vários empresários não estavam prontos para enfrentar a concorrência consequente

da inclusão de produtos importados, inclusive a vinda de empresas internacionais no mercado brasileiro (SINA, 2008). A Figura 1 apresenta a balança comercial brasileira no período de 1990 a 2000.

Figura 1 – Balança comercial brasileira 1990 – 2000 (US\$/FOB).



Fonte: Adaptado de Brasil (2016).

A partir da década de 1990, o Brasil efetuou a abertura comercial com a diminuição das tarifas das importações e criação de novos incentivos às exportações. Os fluxos comerciais foram aumentando a partir desta década. Nesta década também foi criada a Organização Mundial de Comércio (OMC), organismo multilateral responsável pela regulamentação do comércio (BRASIL, 2016).

A participação do Brasil no mercado exterior cresceu notavelmente após a abertura da economia com o Plano do governo Collor e com o Plano do Real (LUDOVICO, 2008).

A baixa participação brasileira no mercado externo retrata o passado da economia do Brasil, sempre restrita em relação ao mundo, cenário que o Brasil tem procurado alterar esta situação. Mas esta missão é complexa devido as suas características, em especial a falta de competitividade apresentada em relação ao custo Brasil formado especialmente, pela elevada carga tributária e pela elevada taxa de juros, as quais juntas dificultam a redução dos custos e o aumento da competitividade. Outros fatores poderiam aqui ser citados, entre eles a falta de visão para com o comércio exterior e o quase permanente fechamento da economia, os

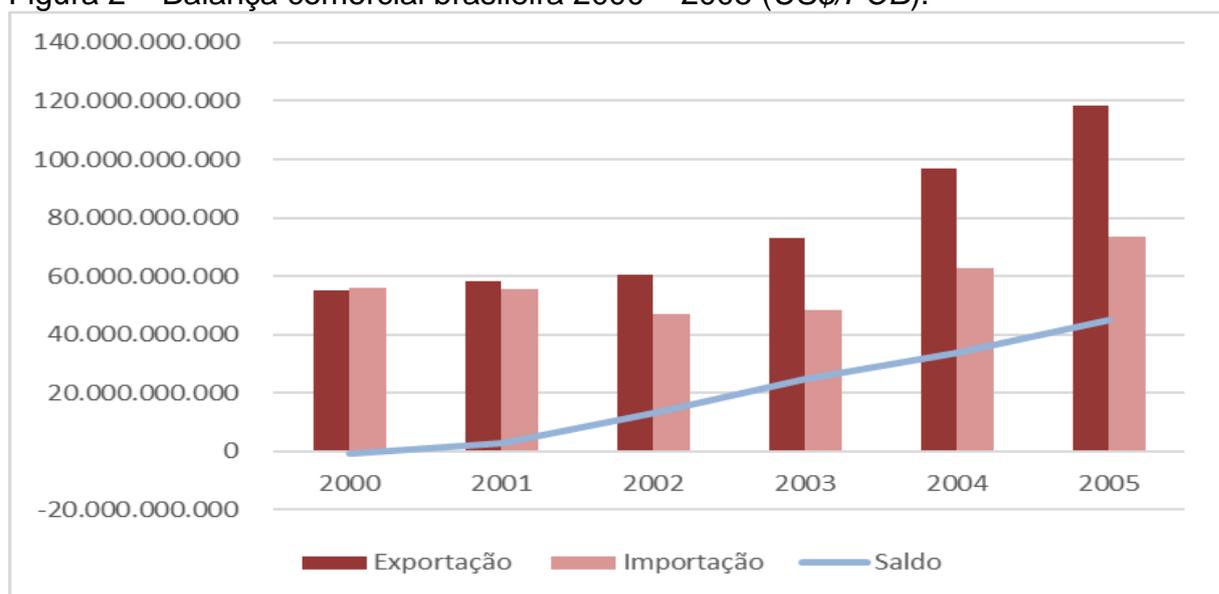
quais nos possibilitam visualizar que ainda há um longo caminho para percorrer (KEDDI, 2007).

Ao observar globalmente, o Brasil possui mais potencial do que apresenta em suas participações na economia mundial. Para que haja um aumento nas participações deve haver maiores investimentos e estudos referentes ao Brasil e seu comércio. Ainda que haja um aumento constante nas exportações com o decorrer dos anos, o Brasil ainda é iniciante nesta área, possui uma grande capacidade em terras e mão de obra para se aprimorar ainda mais, por ser um país com tamanho continental, ainda é conhecido por exportar somente de *commodities* e por não fabricar alta tecnologia, pois necessita importar este recurso (SILVA, 2008).

Todos os países do mundo não conseguem produzir todos os bens e serviços de que seus habitantes necessitam. Os países estão se especializando em determinadas atividades, com o objetivo de produzir com menor custo e mais qualidade determinados tipos de produtos. Após o abastecimento do mercado interno, os excedentes dessas produções serão trocados por outros produtos necessários, que o país não produz com eficácia. Com isso, as empresas acabam se tornando mais eficazes e os mercados mais competitivos, devido a especialização na produção de determinados produtos (SOUSA, 2009).

Assim, a Figura 2 apresenta a balança comercial brasileira de 2000 a 2005.

Figura 2 – Balança comercial brasileira 2000 – 2005 (US\$/FOB).



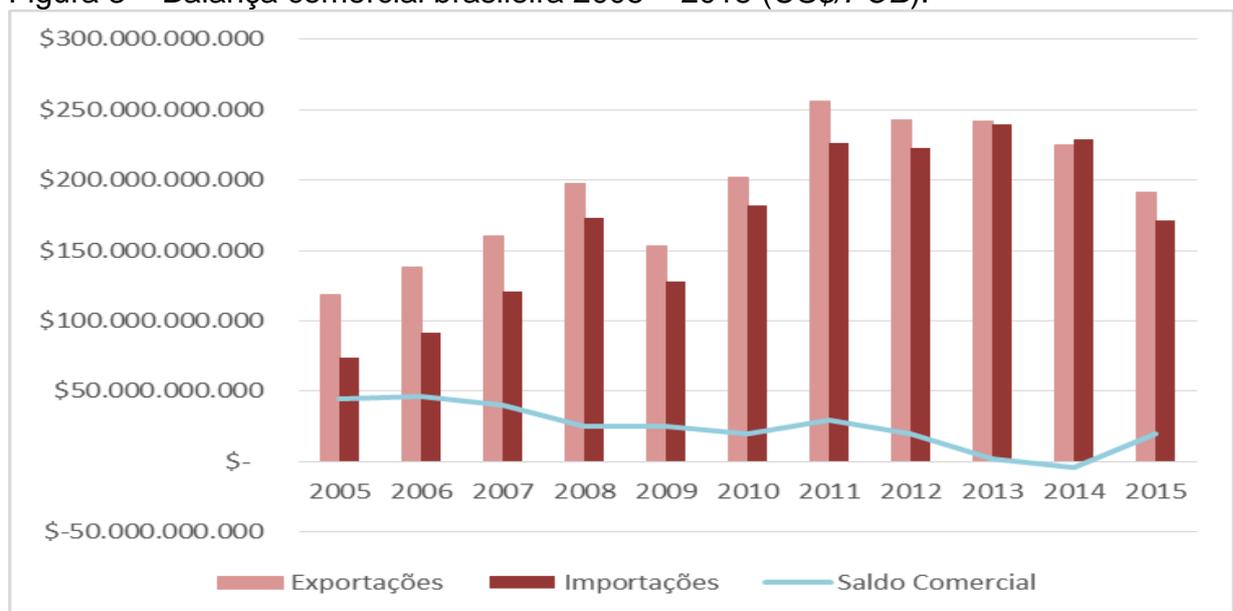
Fonte: Adaptado de Brasil (2016).

Em 2001, a economia brasileira foi atingida por vários fatores, como a crise energética, que afetou a indústria, os consumidores e o comércio. A falta de investimentos nas usinas hidrelétricas e o alto consumo de energia causam a crise. No ano de 2002, as exportações aumentaram de forma significativa. E em 2003 as exportações foram de US\$ 73,1 bilhões, e as importações foram de US\$ 48,3 bilhões. Um dos principais setores responsáveis pela exportação foi a indústria de produtos manufaturados. Em 2004 a balança comercial brasileira atinge um alto volume de exportação, alcançando aproximadamente, 100 bilhões de dólares. E no ano de 2005, o comércio exterior brasileiro atinge grandes avanços. O inédito resultado alcançado pelo comércio exterior e o pagamento da dívida externa são os principais destaques do ano (BRASIL, 2016).

No início dos anos 2000, o comércio exterior brasileiro aumentou num ritmo mais veloz. Os fatores que favorecem o aumento das exportações são: o crescimento da economia mundial, a elevação dos preços dos produtos básicos, a diversidade dos mercados importadores e a maior produtividade da indústria nacional (BRASIL, 2008).

Na Figura 3 é demonstrada a evolução das exportações e das importações brasileiras, durante o período de 2005 a 2015.

Figura 3 – Balança comercial brasileira 2005 – 2015 (US\$/FOB).



Fonte: Adaptado de Brasil (2016).

Como se pode observar na Figura 3, de 2005 a 2012 o Brasil apresentou *superávit*, ou seja, o saldo de exportação foi maior que o saldo de importação. Nos últimos três anos, de 2013 a 2015 o Brasil apresentou *déficit*, ou seja, realizou mais importações do que exportou seus produtos. A expansão que o Brasil vem atingido, está causando a ampliação das exportações brasileiras para os mercados não tradicionais, como a África, Europa Oriental, América Latina, Ásia e Oceania e o aumento das exportações dos produtos nacionais pelos mercados tradicionais, como a União Europeia, Estados Unidos e Argentina. Com o crescimento econômico mundial, os diferentes mercados que realizam a importação, o aumento da produtividade, estes fatores estão contribuindo para o crescimento das exportações brasileiras (BRASIL, 2008).

2.4 REGIÃO SUL CATARINENSE

A seguir é apresentada a região Sul catarinense, com destaque para a AMREC e AMESC.

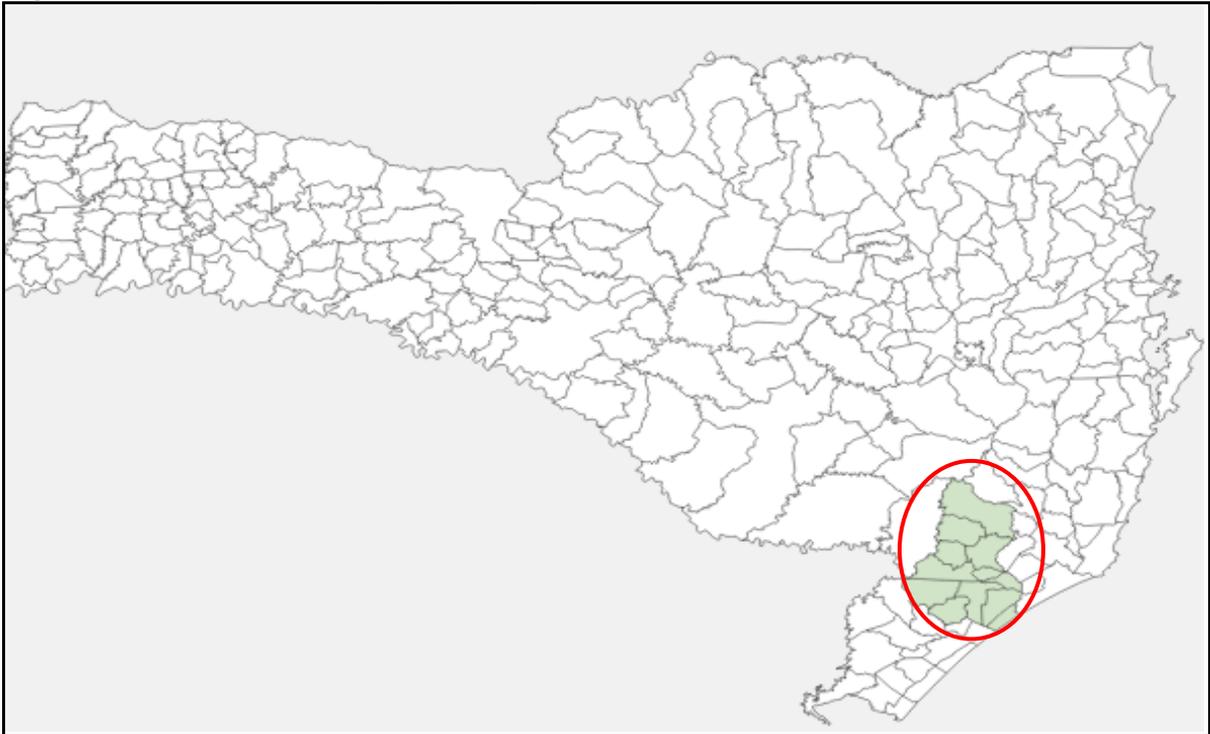
2.4.1 AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera

A Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC) foi fundada no dia 25 de abril de 1983, com sete municípios participantes, formada por Criciúma, Içara, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Siderópolis e Urussanga. Depois foram integrados a associação os municípios de Forquilha, Cocal Do Sul e Treviso. No dia 18 de maio de 2004, a cidade de Orleans se integrou na AMREC. E no dia 09 de abril de 2013 Balneário Rincão passou a integrar a associação. Atualmente, a AMREC possui 12 municípios participantes (AMREC, 2014).

De acordo com a AMREC (2014), a associação possui dois grandes objetivos, são eles: *i)* Ampliar e fortalecer a capacidade administrativa, econômica e social dos municípios; e *ii)* Promover a cooperação intermunicipal e intergovernamental.

Na Figura 4, será apresentada a região e os municípios da AMREC, com a sua localização.

Figura 4 - AMREC: Municípios participantes



Fonte: AMREC (2016).

2.4.1 AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense

A Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC) foi fundada no dia 5 de setembro de 1979, com nove municípios integrantes. Atualmente a associação possui quinze integrantes, são eles: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo.

A associação da AMESC foi criada com o objetivo de fortalecer a estrutura técnica e administrativa dos municípios que integram a associação, atua no caráter reivindicatório. Exerce atividades no setor de prestação de serviços e atua no planejamento regional (AMESC, 2016).

Na Figura 5, será apresentada a região e os municípios da AMESC, com a sua localização.

Figura 5 - AMESC: Municípios participantes



Fonte: AMESC (2016).

No próximo capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos que foram determinantes para a elaboração da pesquisa junto ao Sistema Aliceweb e demais publicações envolvendo o agronegócio e o arroz em destaque.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Os procedimentos metodológicos são baseados em dados científicos que demonstram sua veracidade, esta verdade precisa passar por alguns métodos empregados na investigação e demonstração para alcançar o objetivo pretendido. O método científico pretende desvendar a veracidade dos fatos e assim conduzir o uso do método (CERVO; BERVIAN, 1983). De acordo com Demo, (1985, p.19) metodologia pode ser definida da seguinte forma:

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.

A metodologia científica aborda um conjunto de elementos, técnica e processos utilizados pela ciência para criar e resolver problemas, a fim de, adquirir conhecimento objetivo e sistêmico sobre o tema (RODRIGUES, 2007).

Neste contexto, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, destacando o delineamento, a população e amostra, o plano de coleta e análise dos dados da pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2002) a pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo buscar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é desenvolvida a partir de um processo que abrange inúmeras etapas, desde a adequada elaboração do problema até a apresentação dos resultados.

Desta forma, quanto aos fins de investigação, caracterizou-se como descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Este tipo de pesquisa leva o pesquisador à observação, a fazer registros, análises e correlações sem a intervenção do pesquisador. A pesquisa descritiva busca, de forma mais exata possível, descobrir relações e conexões de fatos ou fenômenos, seus aspectos, natureza e características (CERVO; BERVIAN, 1983).

As pesquisas do tipo exploratórias têm como objetivo principal o desenvolvimento, esclarecimento e modificação dos conceitos e ideias, com a finalidade de formulação de problemas mais exatos ou hipóteses que são possíveis de realização de pesquisas para futuros estudos. Pesquisas exploratórias são realizadas com o objetivo de gerar uma nova visão. Este tipo de pesquisa é realizado principalmente quando o tema abordado é pouco explorado. As pesquisas exploratórias envolvem o levantamento bibliográfico e documental (GIL, 2008).

Neste contexto, a pesquisa foi realizada objetivando identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015).

Quanto aos meios de investigação, caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa bibliográfica, originária de fontes secundárias, engloba toda bibliografia pública, como por exemplo, jornais, revistas, livros, monografias, teses, entre outros. A finalidade da pesquisa bibliográfica é disponibilizar ao pesquisador tudo o que foi escrito sobre o assunto a ser pesquisado. Já a pesquisa documental é caracterizada pela fonte da coleta de dados que está restrita a documentos oficiais, tornando-os assim, fontes de dados primários.

Com isso, a pesquisa envolveu dados bibliográficos para fundamentar os principais assuntos presentes no trabalho, tais como o comércio exterior, a operação de sua sistemática e os procedimentos de exportação, por que exportar, até chegar a importância do agronegócio para o Brasil e para Santa Catarina.

Com uma característica documental, os dados presentes no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via *Web* (ALICE*Web*) foram importantes para compor a pesquisa envolvendo os dados relacionados com a balança comercial do arroz comercializado junto ao mercado externo pelas empresas do Sul catarinenses.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO-ALVO

De acordo com Roesch (2005) a população da pesquisa é definida como a totalidade dos indivíduos que se esteja analisando. Para Marconi e Lakatos (1991), a amostra pode ser definida como uma porção ou parte, convenientemente

selecionada do universo e população. Desta maneira, a população e amostra não constam nesta pesquisa, pois foi realizada uma pesquisa documental em dados disponíveis no *site ALICEWeb* envolvendo o arroz comercializado internacionalmente pela região Sul de Santa Catarina (NCM 1006) considerando a variável temporal de 10 anos, a partir do período de 2005 a 2015.

O Quadro 3 apresenta a justificativa pela escolha do NCM acima referenciado para a categoria do arroz.

Quadro 3 – Balança comercial do Brasil e Santa Catarina – NCM Arroz (diversos).

NCM	Brasil			Santa Catarina				
	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO	
10061010	63.266	0,65%	12.510.807	2,63%	12.800	0,10%	0	0,00%
10061091	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
10061092	49.632.194	5,09%	9.820.528	2,07%	0	0,00%	345	0,00%
10062010	2.676.014	0,27%	40.895	0,01%	822.976	6,69%	0	0,00%
10062020	785.791	0,08%	36.113.858	7,60%	0	0,00%	72.019	0,92%
10063011	48.763.667	5,00%	1.485.973	0,31%	2.753.397	22,38%	47.000	0,60%
10063019	172.306	0,02%	440.618	0,09%	15.660	0,13%	12	0,00%
10063021	162.474.973	16,65%	90.369.010	19,03%	477.006	3,88%	1.642.462	21,02%
10063029	1.013.404	0,10%	6.750.326	1,42%	11.325	0,09%	591.363	7,57%
10064000	84.596.900	8,67%	154.089	0,03%	9.921	0,08%	0	0,00%
100610	49.695.460	5,09%	22.331.335	4,70%	12.800	0,10%	345	0,00%
100620	3.461.805	0,35%	36.154.753	7,61%	822.976	6,69%	72.019	0,92%
100630	212.424.350	21,77%	99.045.927	20,85%	3.257.388	26,48%	2.280.837	29,19%
1006	350.178.515	35,89%	157.686.104	33,20%	4.103.085	33,36%	2.353.201	30,12%
1104	9.844.775	1,01%	2.069.972	0,44%	1.746	0,01%	753.146	9,64%
Total	975.783.420		474.974.195		12.301.080		7812749	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Aliceweb* (2016).

Observa-se que o NCM 1006 (arroz) representou em 2015, 35,89% das exportações e 33,20% nas importações nacionais. Com enfoque para o Estado de Santa Catarina, este produto representou percentuais similares nos níveis nacionais, justificando assim, a sua escolha para a composição do estudo.

O *ALICEWeb*, Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via *Web*, pertence a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), foi criado com o objetivo de modernizar os modos de acesso as informações das estatísticas brasileiras de exportações e importações. O sistema é atualizado todos os meses com as

informações mais recentes disponíveis por meio do Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX) exportação e importação (BRASIL, 2016).

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

Existem dois tipos de fontes para obtenção de dados para a pesquisa documental, as fontes primárias e as fontes secundárias. As fontes primárias são caracterizadas como textos originais, manuscritos, documentos dos arquivos públicos e privados, documentos fotográficos, recursos audiovisuais, ou seja, fontes analisadas que irão originar outras obras, estas por sua vez são identificadas como fonte secundária (ANDRADE, 2007).

Esta pesquisa foi realizada com dados provenientes de origem secundária. De acordo com Andrade (2007) o fato com maior relevância é identificar fontes verídicas, confiáveis, de autores com renome. Os dados estatísticos presentes na pesquisa foram coletados do *site* oficial do governo brasileiro de estatísticas de importação e exportação (ALICEWeb), sustentado pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após os dados serem coletados, organizados e tabulados, eles produzem resultados que exigem uma análise e interpretação, estas sendo constituídas no núcleo central da pesquisa (MARCONI; LAKATOS; 1996).

Para Appolinário (2012) a pesquisa qualitativa é caracterizada pela coleta dos dados a partir de interpretações do pesquisador com o objeto a ser estudado. Além disso, a análise desses dados se dará a partir da interpretação do pesquisador. Esse tipo de pesquisa não realiza generalização, dela não se podem obter previsões nem leis que podem ser utilizadas para outros estudos diferentes daquele que está sendo pesquisado.

Já a pesquisa quantitativa realiza a mensuração de variáveis, com o objetivo de verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis. Sua busca é voltada em informações matematizáveis, focando nas generalizações e não se preocupando com as exceções (APPOLINÁRIO, 2012).

Quanto a abordagem da pesquisa, foi utilizado uma abordagem essencialmente qualitativa, após a obtenção dos dados, foram realizados gráficos e tabelas por meio de planilhas eletrônicas, para que se ilustrasse de forma mais clara.

O próximo capítulo, denominado análise dos dados da pesquisa, caracteriza-se pela apresentação e discussão dos dados resultantes da pesquisa realizada junto ao sistema *ALICEWeb* e demais publicações do Ministério da Agricultura e artigos específicos relacionados com o tema em estudo.

4 ANALISE DOS DADOS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta os dados coletados a partir do Sistema *Alice web* do Ministério do Desenvolvimento Indústria Comercio Exterior – MDIC considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015), bem como informações coletadas no Ministério da Agricultura, Anuário Brasileiro de Arroz e demais publicações específicas na área em estudo.

O Quadro 4 apresenta a vinculação dos objetivos específicos com a estrutura da apresentação dos dados da pesquisa.

Quadro 4 – Objetivos específicos versus estrutura da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRUTURADA PESQUISA
Apresentar a balança comercial do Brasil, com destaque para a representatividade do Estado de Santa Catarina e a região Sul (AMREC e AMESC).	4.1 Balança comercial – perfil nacional, estadual e regional Sul.
Caracterizar a participação do agronegócio na balança comercial do Brasil e de Santa Catarina.	4.2 Balança comercial do agronegócio – Brasil e Santa Catarina.
Destacar o panorama da rizicultura no cenário internacional e do Brasil	4.3 Panorama da rizicultura internacional e do Brasil. 4.4 Panorama da rizicultura em Santa Catarina
Identificar a balança comercial do Arroz (NCM 1006), com destaque para a representatividade nacional, estadual e da região Sul (AMREC e AMESC);	4.5 Balança comercial – Arroz (NCM 1006)

Fonte: Elaboração própria (2016).

4.1 BALANÇA COMERCIAL – PERFIL NACIONAL, ESTADUAL E REGIONAL SUL

A Tabela 1 apresenta as exportações e as importações do Brasil em relação ao Estado de Santa Catarina em *US\$/FOB* milhões, considerando a variável temporal de 2005 a 2015.

No período analisado o Brasil apresentou, em sua grande maioria, saldo superavitário, apenas no ano de 2014 apresentou um pouco mais de 4 bilhões deficitários. Na análise do período total, pode-se observar que o Brasil é um país que realiza uma quantidade muito maior de exportação do que o volume de importações.

Tabela 1 - Balança comercial brasileira *versus* Santa Catarina - US\$/FOB milhões.

Ano	Exportação			Importação		
	Brasil	SC	%	Brasil	SC	%
2005	118.529	5.594	4,72%	73.600	2.189	2,97%
2006	137.807	5.982	4,34%	91.351	3.469	3,80%
2007	160.649	7.382	4,60%	120.617	5.000	4,15%
2008	197.942	8.331	4,21%	172.985	7.941	4,59%
2009	152.995	6.428	4,20%	127.722	7.288	5,71%
2010	201.915	7.582	3,76%	181.768	11.978	6,59%
2011	256.040	9.051	3,54%	226.247	14.841	6,56%
2012	242.578	8.921	3,68%	223.183	14.552	6,52%
2013	242.034	8.689	3,59%	239.748	14.779	6,16%
2014	225.101	8.987	3,99%	229.154	16.019	6,99%
2015	191.134	7.644	4,00%	171.449	12.613	7,36%
Total	2.126.725	84.591	3,98%	1.857.825	110.669	5,96%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Já analisando Santa Catarina, o Estado realizou uma quantidade maior de importação em relação ao volume exportado. Apenas no início do período analisado, de 2005 a 2008, o Estado obteve o saldo superavitário, no restante o saldo manteve-se deficitário.

De acordo com o MDIC (2015), os principais destinos dos produtos exportados pelo Brasil, foram para China, Estados Unidos da América, Argentina, Países Baixos e Alemanha, em ordem decrescente. E em relação às principais origens dos produtos importados foram da China, Estados Unidos da América, Alemanha, Argentina e Coreia do Sul, em ordem decrescente.

Com relação aos tipos de produtos importados, com dados do MDIC (2015), têm-se três tipos de produtos, dentre eles: os produtos básicos e os produtos industrializados. Dentre os produtos básicos, pode-se citar com maior relevância a soja, minério de ferro, óleos brutos de petróleo e carne de frango. E referente aos produtos industrializados, destacam-se: celulose, açúcar de cana, aviões ferro – liga.

De acordo com FIESC (2015), durante o ano de 2014, os principais destinos das exportações catarinenses foram para os Estados Unidos da América, China, Japão, Rússia e Argentina. E os principais produtos exportados foram carne de frango, soja, carne suína e fumo.

Na Tabela 2 é apresentada a balança comercial do Estado de Santa Catarina em comparação com a região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC). Esta associação é formada por doze cidades, são elas:

Balneário Rincão, Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso e Urussanga.

Tabela 2 - Balança comercial de Santa Catarina *versus* AMREC (US\$/FOB milhões).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMREC	%	SC	AMREC	%
2005	5.594	252	4,50%	2.189	81	3,70%
2006	5.982	250	4,18%	3.469	104	3,00%
2007	7.382	250	3,39%	5.000	107	2,14%
2008	8.331	369	4,43%	7.941	125	1,57%
2009	6.428	256	3,98%	7.288	89	1,22%
2010	7.582	318	4,19%	11.978	123	1,03%
2011	9.051	394	4,35%	14.841	216	1,46%
2012	8.921	314	3,52%	14.552	210	1,44%
2013	8.689	300	3,45%	14.779	231	1,56%
2014	8.987	319	3,55%	16.019	288	1,80%
2015	7.644	321	4,20%	12.613	253	2,01%
Total	84.591	3.343	3,95%	110.669	1.827	1,65%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Observa-se na Tabela 2 que os municípios da AMREC são responsáveis por aproximadamente 4% das exportações realizadas pelo Estado de Santa Catarina. E referente às importações, a região da AMREC possui menor participação, não chegando a 2% das importações realizadas pelo Estado.

De acordo com os dados coletados no sistema Aliceweb (2016), os principais produtos exportados pela região da AMREC durante o período de 2010 a 2015, são categorizados como: Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas de aves; Ladrilhos e placas (lajes), para pavimentação ou revestimento, vidrados ou esmaltados, de cerâmica; cubos, pastilhas e artigos semelhantes, para mosaicos, vidrados ou esmaltados, de cerâmica, mesmo com suporte; Pigmentos, opacificantes e cores preparados, composições vitrificáveis, engobos, esmaltes metálicos líquidos e preparações semelhantes, dos tipos utilizados nas indústrias da cerâmica, do esmalte e do vidro; fritas de vidro e outros vidros, em pó, em grãos; Outras máquinas e aparelhos para agricultura, horticultura, silvicultura, avicultura ou apicultura, incluídos os germinadores equipados com dispositivos mecânicos ou térmicos e as chocadeiras e criadeiras para avicultura.

Com enfoque nos destinos das exportações da AMREC durante o período de 2010 a 2015 foram respectivamente: China, Japão, Argentina e os Estados Unidos da América.

Agora, focalizando o extremo Sul catarinense, a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC) é formada por quinze cidades: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo.

Infere-se que as exportações da região da AMESC em relação às exportações do Estado de Santa Catarina, analisando o período total, a AMESC é responsável por aproximadamente 2% das exportações realizadas pelo Estado de Santa Catarina. Já as importações são pouco representativas, ocupando apenas 0,5% das importações do Estado de Santa Catarina, conforme pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 - Balança comercial de Santa Catarina *versus* AMESC (US\$/FOB Milhões).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMESC	%	SC	AMESC	%
2005	5.594	22	0,39%	2.189	0,38	0,02%
2006	5.982	55	0,92%	3.469	0,64	0,02%
2007	7.382	69	0,93%	5.000	2	0,04%
2008	8.331	99	1,19%	7.941	3	0,04%
2009	6.428	124	1,93%	7.288	6	0,08%
2010	7.582	132	1,74%	11.978	14	0,12%
2011	9.051	241	2,66%	14.841	5	0,03%
2012	8.921	326	3,65%	14.552	6	0,04%
2013	8.689	296	3,41%	14.779	9	0,06%
2014	8.987	219	2,44%	16.019	7	0,04%
2015	7.644	214	2,80%	12.613	2	0,02%
Total	84.591	1.797	2,12%	110.669	55	0,05%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Os principais produtos exportados pela região da AMESC durante o período de 2010 a 2015 foram: Tabaco não manufaturado; desperdícios de tabaco; Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas, das aves; Mel natural; Máquinas e aparelhos, mecânicos, com função própria; Outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga ou de movimentação; e Arroz.

Os países que a AMESC mais realizou exportações foram respectivamente: Bélgica, Estados Unidos da América, Japão e Alemanha.

Na Tabela 4 é exposta a balança comercial da região Sul, ou seja, a região da AMREC e da AMESC, em comparação ao total exportado e importado pelo Estado de Santa Catarina.

Tabela 4 – Balança comercial de Santa Catarina *versus* AMREC+AMESC (US\$/FOB Milhões).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMREC + AMESC	%	SC	AMREC + AMESC	%
2005	5.594	274	4,90%	2.189	81,38	3,72%
2006	5.982	305	5,10%	3.469	104,64	3,02%
2007	7.382	319	4,32%	5.000	109	2,18%
2008	8.331	468	5,62%	7.941	128	1,61%
2009	6.428	380	5,91%	7.288	95	1,30%
2010	7.582	450	5,94%	11.978	137	1,14%
2011	9.051	635	7,02%	14.841	221	1,49%
2012	8.921	640	7,17%	14.552	216	1,48%
2013	8.689	596	6,86%	14.779	240	1,62%
2014	8.987	538	5,99%	16.019	295	1,84%
2015	7.644	535	7,00%	12.613	255	2,02%
Total	84.591	5.140	6,08%	110.669	1.882	1,70%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Conforme a Tabela 4 é possível observar que no período analisado a região Sul foi responsável por mais de 6% das exportações realizadas pelo Estado de Santa Catarina. Enquanto que as importações representaram apenas de 1,70% do total importado pelo Estado.

De acordo com a FIESC (2014), a economia de Santa Catarina é caracterizada pela variedade de polos, na região Sul, os setores com maior relevância são os setores: cerâmico, carvão, vestuário e descartáveis plásticos.

4.2 BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO – BRASIL E SANTA CATARINA

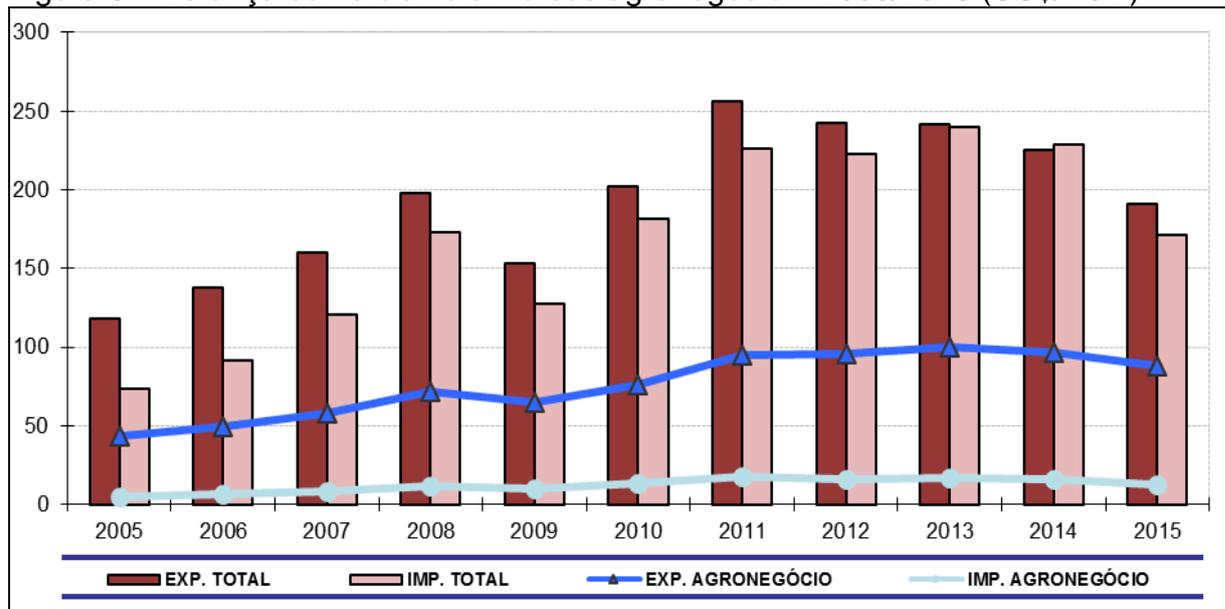
Um dos principais segmentos da economia brasileira é a agronegócio, no abastecimento interno e no desempenho exportador. Nos anos de 1970, chegou a contribuir com 70% nas vendas externas. No momento atual, o agronegócio tem contribuído com 40% não pela diversidade de exportação, mas pela queda das

commodities. Um dos principais segmentos das agroindústrias são o abate e a industrialização de carne, laticínios, óleos vegetais, fabricação de açúcar. São os elementos que mais se desenvolveram nos últimos 20 anos no Brasil (MAPA, 2015).

O Brasil é um dos maiores líderes mundiais na exportação e na produção de diversos produtos agropecuários. É o primeiro produtor e exportador de café, açúcar, etanol de cana-de-açúcar e suco de laranja. Além disso, lidera o ranking das vendas externas do complexo de soja como, por exemplo, o farelo, óleo e os grãos (MAPA, 2015). O Brasil apresenta um alto crescimento na participação do comércio internacional do agronegócio, garantindo a sua posição como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos (MAPA, 2016).

Na Figura 6 é demonstrada a participação do agronegócio brasileiro nas exportações e importações realizadas pelo Brasil.

Figura 6 – Balança comercial total versus agronegócio – 2005/2015 (US\$/FOB).



Fonte: Adaptado de MAPA (2016).

Na Figura 6 pode-se observar que o agronegócio possui uma considerável participação nas exportações realizadas pelo Brasil. Já a importação de produtos agrícolas é baixa em comparação com as exportações. O Brasil apresenta um aumento significativo na participação no comércio internacional do agronegócio, fortalecendo sua posição como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos para mais de duzentos países (MAPA, 2016).

O Ministério da Agricultura (MAPA) promove ações para a divulgação dos produtos e serviços agropecuários no mercado internacional, incentiva o Brasil a se

fortalecer como fornecedor mundial de matérias primas vegetal e alimentos de qualidade. O MAPA desenvolve a produção de dados estatísticos para a orientação nas tomadas de decisão, estímulo ao trabalho integrado em todas as fases do processo de exportação e organização e participação em eventos e missões internacionais (MAPA, 2016).

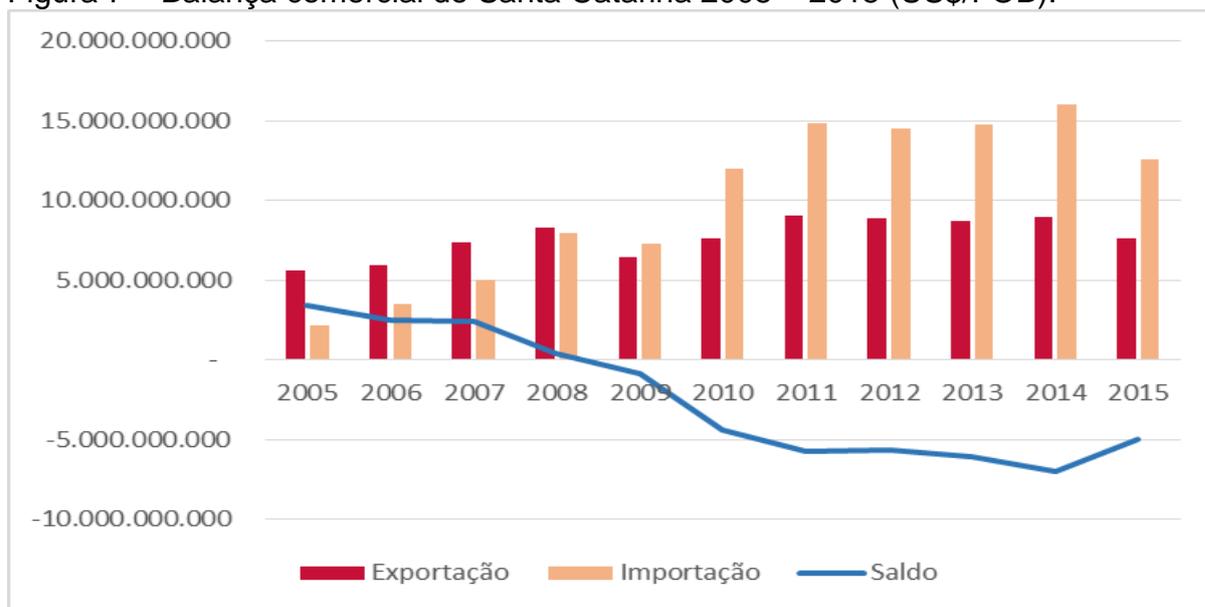
No início de 2015, a participação do agronegócio foi recorde nas exportações brasileiras, alcançando aproximadamente 51% do total das exportações brasileiras. O valor alcançado foi de US\$ 8,64 bilhões, o que representa uma queda de 10,5% em relação ao mesmo período no ano de 2014. Em relação ao *superávit* obtido na balança comercial do Brasil neste período, que foi de US\$ 2,76 bilhões, o setor agropecuário colaborou com US\$ 7,61 bilhões de saldo positivo, enquanto os outros setores da economia demonstraram mais de US\$ 4,85 bilhões de *déficit*. Ou seja, o agronegócio foi o responsável pelo superávit da balança comercial brasileira (MAPA, 2015).

O Estado de Santa Catarina possui aproximadamente 95.733 mil km², com uma população de 6.248 milhões de habitantes, é constituído por 295 municípios (IBGE, 2016). Santa Catarina possui o sexto maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, representando em 2011 aproximadamente R\$ 169 bilhões. O setor primário possui a participação de 6%, o setor secundário possui a participação de 35,1%, e o setor terciário possui a participação de 59%, no setor secundário as indústrias de transformação contribuem com 22,9%, construção civil 5,7%. A indústria de Santa Catarina é bastante representativa, ocupando a segunda posição no PIB brasileiro (FIESC, 2014).

A economia catarinense está centralizada em várias áreas, estabilizando entre as regiões: na região Sul – o setor cerâmico, mineração (carvão), vestuário; na região Oeste - alimentos e moveis; na região do vale do Itajaí - têxtil, vestuário, naval e cristal; na região Norte – máquinas equipamentos, material eletrônico, autopeças, plásticos. Muitas regiões estão desenvolvendo vocações diferenciadas, além de estar presente em Florianópolis também em Blumenau, Chapecó, Criciúma e Joinville (FIESC, 2015).

Na Figura 7 serão demonstradas as exportações e as importações do Estado de Santa Catarina no período de 2005 a 2015.

Figura 7 – Balança comercial de Santa Catarina 2005 – 2015 (US\$/FOB).



Fonte: Adaptado de Brasil (2016).

Como se pode observar na Figura 7, no Estado de Santa Catarina, de 2005 a 2008, o Estado realizou mais exportações do que importações, ou seja, apresentou a balança superavitária. Porém, a partir de 2009 até o ano de 2015, Santa Catarina efetuou mais importações do que exportações, ou seja, apresentou saldo deficitário.

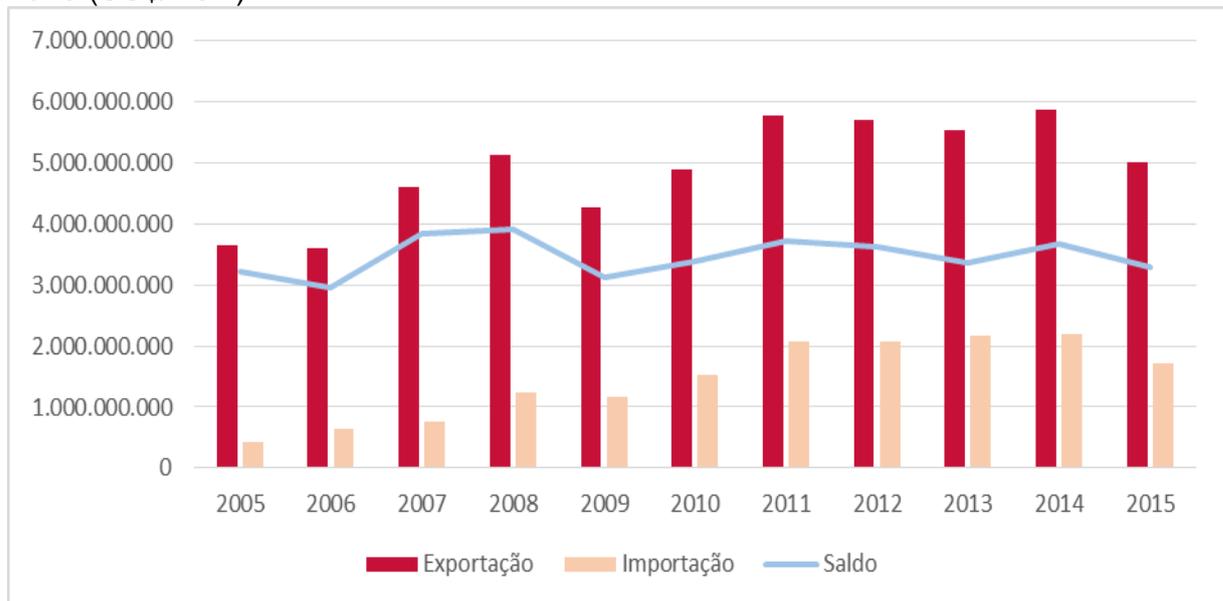
O Estado de Santa Catarina possui participação significativa no mercado internacional. Possui economia diversificada, dispõe de vários produtos industriais competitivos no mercado internacional. O histórico da balança comercial catarinense é marcada por um saldo superavitário. Este cenário foi alterado a partir de 2009, devido aos incentivos fiscais e desempenho dos portos catarinenses geraram condições para que empresas de importação se introduzissem no território catarinense, causando o aumento das importações, devido a este fato, as importações ultrapassaram as exportações. Além disso, outro fato que colaborou para a diminuição das exportações foi a crise internacional iniciada no final de 2008 que influenciou o mercado internacional, causando diminuição das vendas externas brasileiras (FEPESE, 2016).

As exportações no período de janeiro a dezembro de 2013 atingiram aproximadamente US\$ 8,7 bilhões. Este valor é referente a 3,6% das exportações brasileiras. Os principais destinos dos produtos em 2013 foram para os países: Estados Unidos com 11,8%, China com 8,0%, Japão com 6,0%, Holanda com 6,0%.

Os principais portos são: porto de Itajaí, São Francisco, Imbituba, Navegantes e Itapoá. Santa Catarina possui uma forte estrutura portuária onde escoam grande parte da produção (FIESC, 2014).

Na Figura 8 são demonstradas as exportações e importações que o Estado de Santa Catarina realizou referente ao agronegócio no período de 2005 a 2015.

Figura 8 – Balança comercial de Santa Catarina referente ao agronegócio 2005 – 2015 (US\$/FOB).



Fonte: Adaptado de MAPA (2016).

A Figura 8 demonstra as exportações e importações realizadas pelo agronegócio do Estado de Santa Catarina durante o período de 2005 a 2015. É possível visualizar que as exportações estão mais elevadas em comparação com as importações, ou seja, durante todo o período analisado a balança comercial do agronegócio de Santa Catarina apresentou saldo *superavitário*.

4.3 PANORAMA DA RIZICULTURA INTERNACIONAL E DO BRASIL

A produção de arroz mundial é realizada em cinco continentes do globo. O principal produtor é o continente asiático, com aproximadamente 90% da produção de todo o mundo. Os principais países que produzem e beneficiam o arroz são: Tailândia, Vietnam, China, Estados Unidos e Índia. Estes países produzem

basicamente para abastecer a necessidade de seus habitantes, de modo que os mesmos apresentam um elevado nível populacional (EMBRAPA, 2003).

Assim, a Tabela 5 destaca o balanço de oferta e demanda mundial de arroz a produção (beneficiado), exportações e estoque nos anos de 2012 a 2013.

Figura 9 - Balanço de oferta e demanda mundial de arroz.

IMENSIDÃO BRANCA WHITE VASTNESS					
BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL DE ARROZ					
(em milhões de toneladas)					
	Produção (Beneficiado)		Exportações		Estoques
	2012	2013	2012	2013 *	2013 *
Mundo	489,1	494,2	37,5	38,3	174,4
China	141,1	140,1	0,3	0,4	94,3
Índia	104,4	106,0	10,4	10,2	23,9
Indonésia	43,5	43,6	-	-	6,5
Vietnã	29,1	29,4	7,7	6,7	3,9
Tailândia	24,2	25,2	6,7	6,5	17,4
Brasil	7,8	7,9	1,1	0,7	0,9
USA	5,5	5,8	3,2	3,5	0,3
Paquistão	6,3	5,9	3,3	3,4	1,0

* Projeção. Fonte: FAO/ Janeiro 2014.

Fonte: Anuário Brasileiro de arroz (2014, p.24)

Entre os maiores importadores de arroz, destacam-se os países do continente africano, pois estes países estão aumentando cada vez mais sua população, conseqüentemente necessitam de mais alimentos para abastecer a necessidade de seus habitantes, desta forma é um mercado potencial para as exportações de arroz (SANTOS, 2015).

Desta forma, o arroz é um produto de alta relevância no cenário nacional e internacional, pois proporciona renda para os agricultores e para os países. É um alimento muito apreciado em todo o mundo, é considerado um produto para a segurança alimentar da população. O mesmo se destaca como uma *commoditie* com grande potencial no mercado de futuros. Assim é fundamental para a economia e a sociedade o beneficiamento do grão de arroz, pois garante ter alimento para os habitantes e divisas para os países (SORATO *apud* ARROZ BRASILEIRO, 2010).

O arroz possui capacidade de suprir 20% da energia e 15% das proteínas que são necessárias diariamente para um adulto, além de conter vitaminas, sais minerais, fósforo, cálcio e ferro, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2015).

No Brasil, o consumo por ano é de aproximadamente 25 quilos por habitante. O Estado do Rio Grande do Sul é o maior produtor de arroz irrigado. Com relação à área plantada com arroz de sequeiro, em terras altas, fica concentrado na região Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás); Nordeste (Piauí e Maranhão) e Norte (Pará e Rondônia). Atualmente as pesquisas dão prioridade para ações que consolidam a presença da cultura em sistemas de produção de grãos nas regiões no Cerrado e, especialmente, com adaptação ao sistema de plantio direto (MAPA, 2015).

Neste contexto, a Tabela 6 apresenta a produção brasileira de arroz, por região, envolvendo os anos de 2012/2013 em área, produtividade e produção.

Figura 10 - Produção brasileira de arroz, por região.

O MAPA DO ARROZ THE RICE MAP									
PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ARROZ, POR REGIÃO									
Região	Área (mil/ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2012/13	2013/14	%	2012/13	2013/14	%	2012/13	2013/14	%
Norte	291,9	288,8	(1,1)	3.530	3.576	1,3	1.030,2	1.032,8	0,3
Nordeste	588,2	554,4	(5,7)	1.271	1.786	40,6	747,3	990,4	32,5
Centro-Oeste	225,2	315,5	40,1	3.423	3.275	(4,3)	770,8	1.033,3	34,1
Sudeste	44,6	39,2	(12,1)	3.106	2.580	(17,0)	138,5	101,1	(27,0)
Sul	1.249,7	1.287,8	3,0	7.308	7.464	2,1	9.132,9	9.612,3	5,2
Norte/Nordeste	880,1	843,2	(4,2)	2.020	2.399	18,8	1.777,5	2.023,2	13,8
Centro-Sul	1.519,5	1.642,5	8,1	6.609	6.543	(1,0)	10.042,2	10.746,7	7,0
Brasil	2.399,6	2.485,7	3,6	4.926	5.137	4,3	11.819,7	12.769,9	8,0

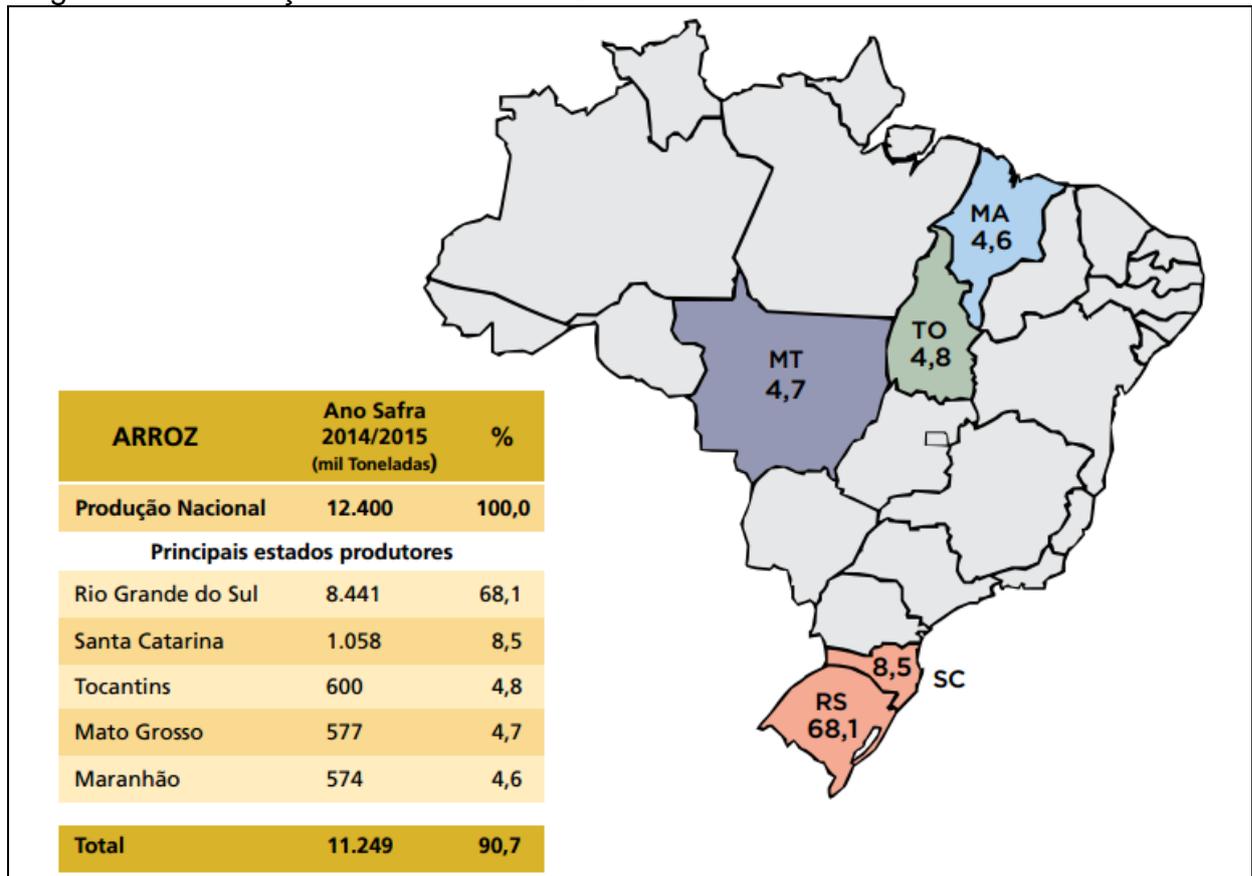
Fonte: Conab, março de 2014.

Fonte: Anuário Brasileiro de arroz (2014, p.15)

Entre os anos de 1975 a 2005, o Brasil diminuiu a área de plantio em 26% aproximadamente e, mesmo assim, sua produção de arroz aumentou aproximadamente 69%, devido ao aumento de 128% na produtividade média. Com o crescimento da produção oportunizou ao país se tornar autossuficiente na produção de arroz. No ano de 2005, o Brasil alcançou à marca de 272 mil toneladas de arroz destinada a exportação. Hoje apenas 5% da produção nacional é destinada à exportação (MAPA, 2015).

A Figura 9 apresenta a distribuição da produção nacional de arroz, com destaque para os Estados do Rio Grande do Sul (68,1%), Santa Catarina (8,5%), Tocantins (4,8%), Mato Grosso (4,7%) e Maranhão (4,6%).

Figura 11 – Produção nacional de arroz.



Fonte: Ministério da Agricultura (2015, p.23).

Apesar de que o Arroz é uma cultura comum em quase todo o país, a maior parte da produção ocorre em 5 estados. Rio Grande do Sul, onde predomina o arroz irrigado, concentra 68,1% da produção de 2014/15, Santa Catarina, 8,5% da produção, Mato Grosso, 4,7%, Maranhão, 4,6% e Tocantins com 4,8% da produção nacional. No Nordeste, especialmente no estado do Ceará o arroz é irrigado e se concentra em perímetros de irrigação. Uma pequena quantidade também é produzida nos estados por onde passa o Rio São Francisco, como BA, SE, AL e PE e essas áreas também recebem irrigação (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 2015, p.22).

O Brasil ocupa a oitava posição na produção em nível mundial e os Estados que mais produzem são o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, caracterizando-se como a base da produção nacional do arroz (IBGE, 2016).

4.4 PANORAMA DA RIZILCUTURA EM SANTA CATARINA

O Estado de Santa Catarina é caracterizado por possuir pequenas propriedades agrícolas e pela utilização de mão de obra familiar. Santa Catarina é o segundo maior produtor de arroz do Brasil se encontra atrás apenas do Estado do Rio Grande do Sul. De forma geral, o produtor catarinense utiliza razoável nível

tecnológico, a produtividade média estadual é de 7.060 kg/ha, possui alta taxa de utilização de sementes de qualidade e cultivares de alta capacidade produtiva, o manejo de adubação, o manejo de plantas invasoras e pragas são os principais responsáveis pelos altos rendimentos de suas lavouras (CONAB, 2015).

Isso posto, a Tabela 7 destaca os cinco maiores produtores de arroz do Brasil, inferindo-se a representatividade do Estado de Santa Catarina em relação à área, produtividade e produção.

Figura 12 - Maiores produtores de arroz do Brasil.

OS CINCO MAIORES PRODUTORES DE ARROZ DO BRASIL									
Estado	Área (mil/ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2012/13	2013/14	%	2012/13	2013/14	%	2012/13	2013/14	%
Rio Grande do Sul	1.066,6	1.107,0	3,8	7.438	7.574	1,8	7.933,4	8.384,4	5,7
Santa Catarina	150,1	150,1	-	6.828	7.110	4,1	1.024,9	1.067,2	4,1
Mato Grosso	166,3	248,5	49,4	3.175	3.175	-	528,0	789,0	49,4
Maranhão	416,2	389,1	(6,5)	1.191	1.571	31,9	495,7	611,3	23,3
Tocantins	119,1	116,1	(2,5)	4.750	4.871	2,5	565,7	565,5	-

Fonte: Conab, março de 2014.

Fonte: Anuário Brasileiro de arroz (2014, p.71)

O sistema de produção de arroz pré-germinado é característico do Estado de Santa Catarina. Segundo a CEPA e EPAGRI (2012), 100% da área de cultivo de arroz é no sistema pré-germinado. Os produtores catarinenses dominam muito bem esta tecnologia de plantio que tem como objetivo maior controlar o arroz vermelho, que é uma planta infestante da cultura.

A produção de arroz irrigado em Santa Catarina é distribuída em cinco regiões, a partir das condições geográficas e climáticas, destacando-se o Alto, Médio e Baixo Vale do Itajaí, Litoral Norte e região Sul de Santa Catarina (CEPA, EPAGRI, 2012).

A região Sul de Santa Catarina é dividida em dois grupos específicos: a Associação de Municípios da Região Carbonífera (AMREC) – composta por Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso, Urussanga e Balneário Rincão; e a Associação de Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC) – composta pelos municípios de

Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo (AMREC, AMESC, 2016).

Neste contexto, o Quadro 5 apresenta a produção de arroz nos municípios componentes da AMREC, que representa a área plantada com arroz e a representatividade desta na área territorial de cada um dos municípios.

Quadro 5 – Municípios da AMREC e características da área plantada de arroz.

Município / Dados	População (Habitantes)	Área Territorial (ha)	Área Plantada (Arroz com Casca) (ha)	% de área plantada em relação a área total do município
Cocal do Sul	15.159	712	1,70	0,24
Criciúma	192.308	2.356	2,90	0,12
Forquilha	22.548	1.819	98,00	5,39
Içara	58.833	2.941	23,50	0,80
Lauro Muller	14.367	2.705	0,05	0,00
Morro da Fumaça	16.126	829	3,26	0,39
Nova Veneza	13.309	2.935	77,50	2,64
Orleans	21.393	5.498	0,08	0,00
Siderópolis	12.998	2.627	0,98	0,04
Treviso	3.527	1.577	0,10	0,01
Urussanga	20.223	2.405	0,48	0,02
TOTAL	390.791	26.406	209	0,79

Fonte: Vieira et al (2012, p.1) a partir de dados do IBGE (2010).

Tendo-se em vista os dados acima, infere-se que os municípios que mais plantaram arroz foram Forquilha (9.800 ha), seguido de Nova Veneza (7.750 ha) e Içara (2.350 ha). Conseqüentemente, sem imprevistos de qualquer natureza, foram também os municípios que mais colheram arroz na região da AMREC, com 65.170, 52.313 e 12.102 toneladas colhidas, respectivamente. Quanto à produtividade, Nova Veneza foi o município que obteve maior rendimento de suas terras, com aproveitamento de 6.750 kg/ha. O segundo município foi Treviso, com 6.700 kg/ha, seguido de Forquilha, com rendimento médio de 6.650 kg/ha. Todavia, houve discrepância no que diz respeito ao valor da produção: Criciúma teve um valor de produção de arroz em casca estimada em de R\$ 726.000,00. Cocal do Sul segue em segundo lugar, com o lucro de R\$ 530.000,00; seguido de Siderópolis com R\$ 329.000,00 (VIEIRA, 2012, p.1).

Com enfoque na AMESC, o Quadro 6 apresenta os municípios correspondentes e as características da área plantada de arroz.

Quadro 6 – Municípios da AMESC e características da área plantada de arroz.

Município / Dados	População (Habitantes)	Área Territorial (ha)	Área Plantada de Arroz (ha)	% de área plantada em relação a área total do município
Araranguá	61.310,00	3.039	45	1,48
Balneário Arroio do Silva	9.586,00	946	0	0,00
Balneário Gaivota	8.234,00	1.475	0	0,00
Ermo	2.050,00	639	31	4,85
Jacinto Machado	10.609,00	4.208	66	1,58
Maracajá	6.404,00	634	15	2,37
Meleiro	7.000,00	1.866	92	4,93
Morro Grande	2.890,00	2.564	32	1,23
Passo de Torres	6.627,00	952	7	0,68
Praia Grande	7.267,00	2.706	33	1,22
Santa Rosa do Sul	8.054,00	1.514	8	0,53
São João do Sul	7.002,00	1.827	40	2,19
Sombrio	26.613,00	1.428	15	1,05
Timbé do Sul	5.308,00	3.336	22	0,64
Turvo	11.854,00	2.337	90	3,85
TOTAL	180.808,00	29.470,33	494,8	1,68

Fonte: Vieira et al (2012, p.1) a partir de dados do IBGE (2010).

Com as informações evidenciadas, depreende-se que as maiores áreas plantadas de arroz localizaram-se, respectivamente, em Meleiro (9.200 ha), Turvo (9.000 ha) e Jacinto Machado (6.630 ha). Por outro lado, Turvo destacou-se quanto à quantidade de arroz colhido, com 73.500 toneladas colhidas; seguido de Meleiro (58.420 toneladas) e Jacinto Machado (43.427 toneladas). A mesma sequência de municípios o valor da produção estimado foi de: Turvo obteve R\$ 41.160,00; enquanto Meleiro, R\$ 32.715,00; e Jacinto Machado, R\$ 24.319,00. Sobre o rendimento médio da colheita, Turvo logrou também o maior aproveitamento, com 9.000 kg/ha; seguido, todavia, de Maracajá, com a colheita de 7.500 kg/ha; e Araranguá, com 6.900 kg/ha colhidos (VIEIRA, 2012, p.1).

A partir dos dados apresentados, abarcando as associações da AMREC e AMESC, observa-se que o município de Forquilha (AMREC) foi o município com a maior área plantada (9.800 ha) e Turvo (AMESC) foi o “[...] município no qual mais se colheu arroz (73.500 toneladas) e que obteve melhor rendimento médio da safra (9.000 kg/ha); e, por fim, Criciúma, a cidade em que valor de produção de arroz em casca foi maior (R\$ 736.000,00)” (VIEIRA, 2012, p.1).

4.4 BALANÇA COMERCIAL DO ARROZ (NCM 1006) - PERFIL NACIONAL, ESTADUAL E REGIONAL SUL

Na Tabela 8, são mostradas as exportações e as importações em US\$/FOB milhões, apenas do arroz, NCM 1006, no período analisado de 2005 a 2015, do Brasil em comparação com os volumes das transações do Estado de Santa Catarina.

Tabela 5 – Balança comercial do Brasil *versus* Santa Catarina / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil)

Ano	Exportação			Importação		
	Brasil	SC	%	Brasil	SC	%
2005	56.777	343	0,60%	129.459	322	0,25%
2006	59.872	412	0,69%	174.621	1.025	0,59%
2007	53.360	1.282	2,40%	236.802	934	0,39%
2008	311.634	5.868	1,88%	225.703	1.988	0,88%
2009	267.551	17.388	6,50%	272.472	4.460	1,64%
2010	162.758	1.664	1,02%	376.598	6.963	1,85%
2011	612.754	31.883	5,20%	273.050	3.463	1,27%
2012	545.955	20.292	3,72%	341.499	7.053	2,07%
2013	400.593	7.049	1,76%	372.659	7.381	1,98%
2014	396.799	3.850	0,97%	301.617	3.578	1,19%
2015	350.178	4.103	1,17%	157.686	2.353	1,49%
Total	3.218.231	94.134	2,93%	2.862.166	39.520	1,38%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Na Tabela 8, pode-se observar que o Brasil, na maioria dos anos apresenta saldo superavitário, porém no início do período analisado o Brasil apresentou saldo deficitário. O Estado de Santa Catarina apresentou na maioria dos anos saldo superavitário. No volume total das exportações, Santa Catarina teve 2,93% de participação do volume total de arroz exportado pelo Brasil, e referente as importações, Santa Catarina apresentou 1,38% do total de arroz importado pelo Brasil.

Conforme dados do Aliceweb (2016), as exportações brasileiras de arroz do NCM 1006, nos últimos anos, de 2010 a 2015, foram para os seguintes países: Cuba, Peru, Senegal, Venezuela e Serra Leoa. E as importações que o Brasil realizou foram dos seguintes países: Paraguai, Argentina, Uruguai, Guiana e Itália.

De acordo com o MAPA (2016) o arroz é um dos cereais mais consumidos do mundo. No Brasil a produção é realizada em sua maioria nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso. Atualmente o Brasil é o oitavo maior produtor mundial. A produção de arroz irrigado, realizado na região

Sul do Brasil é responsável aproximadamente por 54% da produção nacional, o Rio Grande do Sul o maior produtor do Brasil. No Estado de Santa Catarina, a produção é realizada por meio do sistema pré-germinado, Santa Catarina está em segundo lugar na produção do arroz irrigado, com aproximadamente 800 mil toneladas anuais.

O Brasil é um dos líderes mundiais na produção e exportação de vários produtos agrícolas. Está em primeiro lugar em produção e exportação de café, açúcar, etanol e suco de laranja. O Brasil lidera o ranking das vendas externas do complexo de soja (grão, farelo e óleo). Em 2010, em cada quatro produtos do agronegócio em circulação no mundo um era brasileiro. O Ministério da Agricultura projeta que até 2030, um terço dos produtos comercializados no mundo sejam do Brasil, devido ao aumento da demanda dos países asiáticos. No ano de 2005, o Brasil exportou aproximadamente 272 mil toneladas de arroz. Atualmente, apenas 5% da produção brasileira é para a exportação (MAPA, 2016).

Na Tabela 9 estão apresentados os dados referente as exportações e as importações de Santa Catarina comparando com os dados da região da AMREC.

Tabela 6 – Balança comercial de Santa Catarina versus AMREC / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil)

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMREC	%	SC	AMREC	%
2005	343	0	0,00%	322	307	95,34%
2006	412	0	0,00%	1.025	237	23,12%
2007	1.282	0	0,00%	934	55	5,89%
2008	5.868	0	0,00%	1.988	0	0,00%
2009	17.388	47	0,27%	4.460	282	6,32%
2010	1.664	66	3,97%	6.963	762	10,94%
2011	31.883	915	2,87%	3.463	81	2,34%
2012	20.292	1.709	8,42%	7.053	309	4,38%
2013	7.049	351	4,98%	7.381	75	1,02%
2014	3.850	1.176	30,55%	3.578	129	3,61%
2015	4.103	1.060	25,83%	2.353	57	2,42%
Total	94.134	5.324	5,66%	39.520	2.294	5,80%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

No início do período analisado, de 2005 a 2008, a AMREC não realizou exportações, iniciando em 2009. A AMREC representa 5,66% do total exportado por Santa Catarina. Referente às importações a AMREC apenas não realizou

importação no ano de 2008. Nos demais anos a região da AMREC realizou a importação de um volume maior do que o exportado pela região, ou seja, o saldo da balança da AMREC apresentou-se deficitário.

De acordo com o Aliceweb (2016), no ano de 2015, a AMREC exportou arroz, NCM 1006, para Trinidad e Tobago, Itália e Canada. A AMREC importou arroz, NCM 1006, dos seguintes países: Itália, Índia, Tailândia, Paquistão e Uruguai.

Na Tabela 10, serão mostradas as exportações e as importações da região da AMESC, e qual a sua participação quando comparada com o Estado de Santa Catarina.

Tabela 7 – Balança comercial de Santa Catarina *versus* AMESC / Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMESC	%	SC	AMESC	%
2005	343	0	0,00%	322	0	0,00%
2006	412	0	0,00%	1.025	0	0,00%
2007	1.282	0	0,00%	934	524	56,10%
2008	5.868	19	0,32%	1.988	298	14,99%
2009	17.388	3.721	21,40%	4.460	1.976	44,30%
2010	1.664	0	0,00%	6.963	3.094	44,43%
2011	31.883	15.811	49,59%	3.463	1.538	44,41%
2012	20.292	12.655	62,36%	7.053	2.145	30,41%
2013	7.049	5.678	80,55%	7.381	2.501	33,88%
2014	3.850	1.638	42,55%	3.578	588	16,43%
2015	4.103	1.815	44,24%	2.353	63	2,68%
Total	94.134	41.337	43,91%	39.520	12.727	32,20%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

A região da AMESC no início do período analisado, de 2005 a 2008, não realizou exportações de arroz do NCM 1006. Nos anos 2008 e 2009, a região realizou exportações. A partir de 2011 as exportações começaram a ser mais significativas e rotineiras. A região é responsável por 43,91% das exportações de arroz, NCM 1006, realizadas pelo Estado de Santa Catarina. E quanto às importações, a região é responsável por 32,20% das importações realizadas pelo Estado.

De acordo com o Aliceweb (2016), no ano de 2015, os países em que a AMESC mais realizou exportações foram: África do Sul, Canadá, Panamá e

Argentina. E os países que mais importaram para a região da AMESC foram: Argentina, Itália, Uruguai e Paraguai.

Na Tabela 11, serão mostradas as exportações e as importações realizadas pela região da AMREC e da AMESC, ou seja, região sul de Santa Catarina.

Tabela 8 – Balança comercial de Santa Catarina *versus* AMREC/AMESC - Arroz (NCM - 1006) - (US\$/FOB Mil).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMESC + AMREC	%	SC	AMESC + AMREC	%
2005	343	0	0,00%	322	307	95,34%
2006	412	0	0,00%	1.025	237	23,12%
2007	1.282	0	0,00%	934	579	61,99%
2008	5.868	19	0,32%	1.988	298	14,99%
2009	17.388	3.768	21,67%	4.460	2.258	50,63%
2010	1.664	66	3,97%	6.963	3.856	55,38%
2011	31.883	16.726	52,46%	3.463	1.619	46,75%
2012	20.292	14.364	70,79%	7.053	2.454	34,79%
2013	7.049	6.029	85,53%	7.381	2.576	34,90%
2014	3.850	2.814	73,09%	3.578	717	20,04%
2015	4.103	2.875	70,07%	2.353	120	5,10%
Total	94.134	46.661	49,57%	39.520	15.021	38,01%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

As regiões da AMESC e da AMREC, são responsáveis por aproximadamente 49,57% das exportações de arroz, NCM 1006, do Estado de Santa Catarina, a região é responsável pela metade de exportações realizadas pelo Estado. E referente às importações a região é responsável por 38% as importações realizadas pelo Estado. Por meio da Tabela 8, denota-se a importância das regiões da AMESC e da AMREC para as exportações do Estado de Santa Catarina.

Na Tabela 12 são expostos os volumes em quilograma (KG) que foram exportados e importados pelo Brasil e pelo Estado de Santa Catarina.

Nos dez anos analisados, o Estado de Santa Catarina foi responsável por 2,29% do volume em quilograma exportados pelo Brasil. Além disso, a tabela mostra que o ano com o maior volume exportado por Santa Catarina, foi no ano de 2009, onde o Estado foi responsável por 5,10% de todo o volume exportado de arroz – NCM 1006. Já as importações, o Estado, durante o período analisado, foi responsável por 1,19% do volume importado pelo Brasil.

Tabela 9 – Volume (kg) comercializado pelo Brasil e Santa Catarina / arroz (NCM - 1006)

Ano	Exportação			Importação		
	Brasil	SC	%	Brasil	SC	%
2005	272.536.518	1.037.307	0,38%	532.502.959	2.375.650	0,45%
2006	290.440.019	1.048.897	0,36%	652.924.998	5.083.840	0,78%
2007	201.477.019	3.262.837	1,62%	720.683.782	3.046.022	0,42%
2008	518.076.504	8.160.370	1,58%	446.404.328	3.291.660	0,74%
2009	602.120.229	30.723.684	5,10%	674.362.787	11.207.040	1,66%
2010	430.486.361	3.657.730	0,85%	783.542.037	13.792.348	1,76%
2011	1.350.919.124	59.734.024	4,42%	621.838.719	7.154.508	1,15%
2012	1.152.705.316	39.512.101	3,43%	740.372.614	14.319.521	1,93%
2013	918.052.928	11.823.461	1,29%	757.183.050	13.479.020	1,78%
2014	929.918.441	6.517.474	0,70%	624.397.446	5.590.753	0,90%
2015	961.542.327	8.829.560	0,92%	376.987.069	3.454.502	0,92%
Total	7.628.274.786	174.307.445	2,29%	6.931.199.789	82.794.864	1,19%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

Na Tabela 13 são apresentadas as exportações de arroz – NCM 1006, em quilograma de Santa Catarina em comparação com a região da AMREC.

Tabela 10 – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMREC / arroz (NCM 1006)

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMREC	%	SC	AMREC	%
2005	1.037.307	0	0,00%	2.375.650	2.319.150	97,62%
2006	1.048.897	0	0,00%	5.083.840	2.250.840	44,27%
2007	3.262.837	0	0,00%	3.046.022	532.720	17,49%
2008	8.160.370	0	0,00%	3.291.660	0	0,00%
2009	30.723.684	152.500	0,50%	11.207.040	1.276.440	11,39%
2010	3.657.730	250.000	6,83%	13.792.348	1.406.000	10,19%
2011	59.734.024	1.775.343	2,97%	7.154.508	192.000	2,68%
2012	39.512.101	2.939.561	7,44%	14.319.521	588.000	4,11%
2013	11.823.461	647.011	5,47%	13.479.020	35.000	0,26%
2014	6.517.474	2.019.330	30,98%	5.590.753	64.700	1,16%
2015	8.829.560	2.071.960	23,47%	3.454.502	32.640	0,94%
Total	174.307.445	9.855.705	5,65%	82.794.864	8.697.490	10,50%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

No início do período analisado, de 2005 a 2008, a região da AMREC não teve participação nas exportações do estado de Santa Catarina. Já as importações, de 2005 a 2007 obtiveram um número elevado na participação das importações, no

ano de 2005 a região da AMREC importou aproximadamente 97% do volume total de arroz NCM 1006 em quilograma das importações do Estado de Santa Catarina. Na análise do período total, conseguimos visualizar que a região da AMREC é responsável por 10,50% das importações e apenas 5,65% das exportações realizadas pelo Estado de Santa Catarina.

Na Tabela 14, estão apresentados os volumes exportados e importados por Santa Catarina e pela região da AMESC.

Tabela 11 – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMESC / arroz (NCM 1006)

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMESC	%	SC	AMESC	%
2005	1.037.307	0	0,00%	2.375.650	0	0,00%
2006	1.048.897	0	0,00%	5.083.840	0	0,00%
2007	3.262.837	0	0,00%	3.046.022	1.458.000	47,87%
2008	8.160.370	25.200	0,31%	3.291.660	675.000	20,51%
2009	30.723.684	6.576.096	21,40%	11.207.040	4.664.000	41,62%
2010	3.657.730	0	0,00%	13.792.348	6.418.000	46,53%
2011	59.734.024	29.289.693	49,03%	7.154.508	3.911.000	54,66%
2012	39.512.101	22.172.316	56,12%	14.319.521	4.559.300	31,84%
2013	11.823.461	9.633.900	81,48%	13.479.020	5.376.000	39,88%
2014	6.517.474	2.773.500	42,55%	5.590.753	1.190.000	21,29%
2015	8.829.560	4.455.250	50,46%	3.454.502	77.000	2,23%
Total	174.307.445	74.925.955	42,98%	82.794.864	28.328.300	34,22%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

A região da AMESC não realizou exportações e também não realizou importações. A partir de 2008, a AMESC começou a exportar uma quantidade pequena. No ano de 2012, a região foi responsável por 56,12% das exportações realizadas pelo Estado. Outro ano que podemos perceber um volume bem alto, foi no ano de 2013, onde a região da AMESC foi responsável por 81,48% do volume exportado pelo Estado. Já as importações, durante o período analisado, o ano em que a região da AMESC mais importou, foi no ano de 2011, onde alcançou 54,66 % do volume importado. De uma maneira geral, a região da AMESC é responsável por 42,98% das exportações e 34,22% das importações realizadas pelo Estado durante o período analisado.

Na Tabela 15 serão mostradas as exportações e importações do Estado de Santa Catarina em comparação com as regiões da AMESC e da AMREC.

Tabela 12 - – Volume (kg) comercializado por Santa Catarina e AMESC/AMREC / arroz (NCM 1006).

Ano	Exportação			Importação		
	SC	AMESC + AMREC	%	SC	AMESC + AMREC	%
2005	1.037.307	0	0,00%	2.375.650	2.319.150	97,62%
2006	1.048.897	0	0,00%	5.083.840	2.250.840	44,27%
2007	3.262.837	0	0,00%	3.046.022	1.990.720	65,35%
2008	8.160.370	25.200	0,31%	3.291.660	675.000	20,51%
2009	30.723.684	6.728.596	21,90%	11.207.040	5.940.440	53,01%
2010	3.657.730	250.000	6,83%	13.792.348	7.824.000	56,73%
2011	59.734.024	31.065.036	52,01%	7.154.508	4.103.000	57,35%
2012	39.512.101	25.111.877	63,55%	14.319.521	5.147.300	35,95%
2013	11.823.461	10.280.911	86,95%	13.479.020	5.411.000	40,14%
2014	6.517.474	4.792.830	73,54%	5.590.753	1.254.700	22,44%
2015	8.829.560	6.527.210	73,92%	3.454.502	109.640	3,17%
Total	174.307.445	84.781.660	48,64%	82.794.864	37.025.790	44,72%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb (2016).

As regiões da AMESC e da AMREC, realizaram juntas no ano de 2013, 86,95% das exportações do Estado de Santa Catarina. Durante os dez anos analisado as duas regiões foram responsáveis por 48,64% das exportações que o Estado realizou. Referente às importações, as duas regiões foram responsáveis, no ano de 2005, por aproximadamente 97% do volume total importado pelo Estado de Santa Catarina. Durante o período total analisado as duas regiões firmaram responsáveis por 44,72% das importações realizadas pelo Estado.

No próximo capítulo são apresentadas as conclusões para o estudo, bem como sugestões para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

5 CONCLUSÃO

O agronegócio é um dos setores mais importantes para a balança comercial, possuindo expressiva relevância nas exportações realizadas pelo Brasil, tornando-se assim, um dos principais setores para o equilíbrio da balança comercial brasileira. O país vem apresentando um aumento considerável na participação no comércio internacional do agronegócio, estabilizando sua posição como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos no mundo.

O arroz é um alimento consumido em todo o mundo, e com grande importância tanto no cenário nacional, quanto no cenário internacional, gerando renda para os agricultores e para os países produtores do grão. O Brasil é um dos maiores produtores de arroz do mundo e os Estados brasileiros que mais produzem o grão são o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso.

Neste contexto, o estudo objetivou identificar a dinâmica do agronegócio e da rizicultura Sul catarinense na balança comercial brasileira, considerando a variável temporal de 10 anos (2005 a 2015).

A balança comercial do Brasil na maioria dos anos analisados apresentou saldo superavitário. Na análise do período total, o Brasil é um país que realiza uma quantidade muito maior de exportação do que a quantidade de importações. Já analisando a balança comercial do Estado de Santa Catarina, foi verificado que o Estado importou um volume maior em relação ao volume exportado. Apenas no início do período analisado, Santa Catarina obteve o saldo superavitário, no restante o saldo manteve-se deficitário. A região Sul catarinense, AMREC e AMESC, durante o período analisado apresentou saldo *superavitário*.

Analisando a balança comercial brasileira referente ao agronegócio, foi possível verificar que o setor possui alta participação nas exportações realizadas pelo Brasil, já as importações são bem baixas em comparação com as exportações. O Estado de Santa Catarina, também apresentou um volume elevado de exportação quando comparado com as importações do Estado, durante todo o período analisado a balança comercial do agronegócio de Santa Catarina apresentou-se *superavitária*.

Em 2005, o Brasil alcançou à marca de 272 mil toneladas de arroz destinada a exportação. Atualmente 5% da produção nacional é exportada. No Brasil, o consumo de arroz por ano é de aproximadamente 25 quilos por habitante.

Em 2015, o Brasil ocupou a oitava posição na produção em nível mundial e os Estados que mais produziram o grão foram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, caracterizando-se como a base da produção nacional do arroz.

Santa Catarina é o segundo maior produtor de arroz do Brasil se encontra atrás apenas do Estado do Rio Grande do Sul. No Sul catarinense, as regiões da AMESC e da AMREC são responsáveis por aproximadamente 49,57% das exportações de arroz (NCM 1006) do Estado de Santa Catarina. E referente às importações a região é responsável por 38% as importações realizadas pelo Estado.

Como propostas para estudos futuros, sugere-se que novos trabalhos sejam desenvolvidos, apresentando um panorama socioeconômico do Sul catarinense, bem como um estudo abarcando de forma mais profunda o impacto do agronegócio na economia do Sul de Santa Catarina, contemplando todos os produtos produzidos e exportados pela região.

Com a finalização do presente estudo, foi possível visualizar a importância que o agronegócio representa para o Brasil. O país é um dos maiores produtores do mundo de arroz, e Santa Catarina é um dos Estados que mais produz o grão no país. Além disso, o agronegócio é um dos setores que mais colabora com o *superávit* da balança comercial brasileira.

REFERÊNCIAS

AMESC, Associação dos municípios do extremo Sul Catarinense. A história da AMESC. 2016. Disponível em: <<http://www.amesc.com.br/conteudo/?item=1426&fa=284>>. Acesso em: 3 maio 2016.

_____. Associação dos municípios do extremo Sul Catarinense. Municípios da associação. 2016. Disponível em: <<http://www.amesc.com.br/municipios/index.php>>. Acesso em: 3 maio 2016.

AMREC, Associação dos municípios da região carbonífera. Histórico. 2016. Disponível em: <<http://www.amrec.com.br/cms/pagina/ver/codmapaitem/59316>>. Acesso em: 3 maio 2016.

_____. Associação dos municípios da região carbonífera. Municípios associados. Disponível em: <<http://www.amrec.com.br/index/municipios-associados/codmapaitem/42512>>. Acesso em: 3 maio 2016.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE ARROZ. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/MEUS%20DOCUMENTOS/Downloads/4377_arroz_2014.pdf>. Acesso em: 3 maio 2016.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. 2. ed. rev. e atual São Paulo: Cengage Learning, 2012.

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES. **Perspectivas do investimento 2015-2018 e panoramas setoriais**, 2014. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2842/7/Perspectivas%20do%20investimento%202015-2018%20e%20panoramas%20setoriais_atualizado_BD.pdf>. Acesso em 22 fev. 2016.

BEHRENDTS, Frederico L. **Comércio exterior**: 7. ed. Porto Alegre: Síntese, 2002.

BIZELLI, João dos Santos; BARBOSA, Ricardo. **Noções básicas de importação**. 9 ed. São Paulo: Aduaneiras, 2002.

BRASIL, COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, CONAB. **A cultura de arroz**. 2015. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: outubro de 2015.

_____. COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, CONAB. **Armazenagem Agrícola no Brasil**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conabweb/download/nupin/armazenagem_agricola.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA. **A força da**

agricultura: 1860 – 2010. Brasília. 2010. Disponível em: <[file:///D:/Dados%20do%20Usuario/Downloads/A Forca da Agricultura 2010%20\(1\).pdf](file:///D:/Dados%20do%20Usuario/Downloads/A%20Forca%20da%20Agricultura%202010%20(1).pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. MAPA. **Arroz.** 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/arroz>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA. **Estatísticas.** 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatisticas>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA. **Projeções do agronegócio.** Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arg_editor/PROJECOES DO AGRONEGOCIO 2025 WEB.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arg_editor/PROJECOES_DO_AGRONEGOCIO_2025_WEB.pdf)>. Acesso em: 25 abril 2016.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. MAPA. **Saiba mais.** 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/arroz/saiba-mais>> Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, MDIC. **Lucro do café financiou industrialização nacional.** 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2009/11/lucro-do-cafe-bancou-industrializacao-nacional>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, MDIC. **O setor de agronegócio no Brasil: Histórico e Evolução do Agronegócio Brasileiro.** 2016. Disponível em: <<http://investimentos.mdic.gov.br/public/arquivo/arg1273158100.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, MDIC. **Outras estatísticas do comércio exterior.** 2016. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/component/content/article?id=888>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. MDIC. **Principais ações e resultados do MDIC em 2015.** 2015. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1450797890.pdf>. Acesso em: 07 maio 2016.

_____. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, ALICEWEB. **O que é o AliceWeb ?.** 2016. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br//menu/index/item/aliceweb>>. Acesso em: 21 abril 2016.

_____. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, ALICEWEB. Consultas. 2016. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br//index/home>>. Acesso em: 22 abril 2016.

CEPA; EPAGRI. Centro de socioeconomia e planejamento agrícola – CEPA; Empresa de pesquisa agropecuária e extensão rural de Santa Catarina – EPAGRI. **Histórico da Produção de Arroz Irrigado**. Acesso em: 20 fev. 2016. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=84>. Acesso em: 22 abril 2016.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso de estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo: McGraw-hill do Brasil, 1983.

DABBAH, Steven. **A solução para a sua empresa: exportação**. São Paulo: Érica Ltda, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

EMBRAPA, **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Arroz/ArrozTerrasAltas/importancia.htm>. 2003>. Acesso 12 out. 2015.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Statistical databases**. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acesso em: 21 out. 2015.

FIESC. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Análise do Comércio internacional Catarinense**. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/eleonara/Downloads/38034a88cabd7be945629b4212df520c.pdf>>. Acesso 23 fev. 2016

_____. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina em dados**. Florianópolis. 2014. Disponível em: <http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/25_set_sc_dados_2014_em_baixa_para_site.pdf>. Acesso 19 out. 2015.

_____. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina em dados**. Florianópolis. 2015. Disponível em: <http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/sc_em_dados_site_correto.pdf>. Acesso 19 out. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. Atlas. São Paulo, 2008.

HOOLEY, Graham J.; SAUNDERS, John A.; PIERCY, Nigel F. **Estratégia de Marketing e Posicionamento Competitivo**. 2. ed São Paulo: Prentice Hall, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Agropecuário de Santa Catarina - 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 23 fev. 2016.

KEEDI, Samir. **Abc do comércio exterior**: abrindo as primeiras páginas. São Paulo:

Aduaneiras, 2002.

_____. **Abc do comércio exterior**: abrindo as primeiras páginas. 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2004.

_____. **Abc do Comércio Exterior**: abrindo as primeiras páginas. 3. ed. São Paulo, 2007.

_____. **Abc do comércio exterior**: abrindo as primeiras páginas. 4. ed São Paulo: Aduaneiras, 2011.

KOTABE, Masaaki; HELSEN, Kristiaan. **Administração de Marketing Global**. Atlas: São Paulo, 2000.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LOPEZ, José Manoel Cortinas; GAMA, Marilza. **Comércio exterior competitivo**. São Paulo: Aduaneiras, 2004.

_____. **Comércio exterior competitivo**. 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2005.

LUDOVICO, Nelson. **Exportação**: você está preparado? Vamos eliminar a interrogação!. São Paulo: STS, 2008.

_____. **Mercados e negócios internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

MALUF, Sâmia Nagib. **Administrando o Comércio Exterior do Brasil**. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINERVINI, Nicola. **O exportador: ferramentas para atuar com sucesso nos mercados internacionais**. São Paulo: Makron Books, 2001.

MORINI, Cristiano; SIMÕES, Regina Célia Faria; DALNEZ, Valdir Lusif. **Manual de comércio exterior**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

NOSÉ JUNIOR, Amadeu. **Marketing internacional: uma estratégia empresarial**. São Paulo: Thomson. 2005.

PALACIOS, Tomás Manuel; SOUSA, José Manuel de. **Estratégias de marketing internacional**. São Paulo: Atlas, 2004.

RATTI, Bruno. **Comércio Internacional e Câmbio**. 9. ed. São Paulo: Aduaneiras, 1997.

_____. **Comércio internacional e câmbio**. 10. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia científica**. Disponível em: <http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf>. 2007. Acesso em 20 nov. 2015.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo.. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SANTOS, Cleiton Evandro dos. **Anuário brasileiro do arroz 2015**. Rio Grande do Sul. Editora Gazeta Santa Cruz, 2015.

SEGRE, German. **Manual prático de comércio exterior**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, José Ultemar da. **Gestão das relações econômicas internacionais e comércio exterior**. São Paulo: Cengage learning, 2008.

SILVA, Mozart Foschete da. **Relações econômicas internacionais**. São Paulo: Aduaneiras, 1999.

SINA, Amalia. **Marketing global: soluções estratégicas para o mercado brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.

SOUSA, José Meireles de. **Fundamentos do comércio internacional**. São Paulo: Saraiva, 2009.

VAZQUEZ, José Lopez. **Comércio exterior brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Comércio exterior brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; BRUCH, Kelly Lissandra; WATANABE, Melissa; YAMAGUCHI, Cristina Keiko; JENOVEVA NETO, Roseli, BOLSON, Edison Antonio. A influência das inovações no campo: as cultivares produzidas na Região Sul Catarinense no Brasil. **Revista Espacios**. Vol. 33 (10) 2012. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a12v33n10/12331001.html>>. Acesso em: 2 maio 2016.

WERNECK, Paulo. **Comércio exterior & despacho aduaneiro**. 3.ed Curitiba, PR: Juruá, 2001.

WILKINSON, J. (Coord.). **Perspectivas do investimento no agronegócio**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Economia, 2009. 306 p. Relatório integrante da pesquisa "Perspectivas do Investimento no Brasil", em parceria com o Instituto de Economia da UNICAMP, financiada pelo BNDES. Disponível em: <<http://www.projetopib.org/?p=documentos>>. Acesso em out. 2015.